



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

DANIELA PEREIRA FERREIRA

**UM ESTUDO SOBRE A OBRA DA AUTORA CREUZA P
RUMKWYJ KRAHÔ: ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DOS
KRAHÔ E AS MULHERES MEHIN**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2025

Daniela Pereira Ferreira

**Um estudo sobre a obra da autora Creuza Prumkwyj Krahô: aspectos históricos
e culturais dos Krahô e as mulheres Mehin**

Monografia apresentada à Universidade Federal do
Tocantins (UFT), Câmpus de Miracema para obtenção
do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Dra. Luciane Silva de Souza

Miracema do Tocantins, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F383e Ferreira, Daniela Pereira.

Um estudo sobre a obra da autora Creuza Prunkwyj Krahô: aspectos históricos e culturais dos Krahô e as mulheres Mehin. / Daniela Pereira Ferreira. – Miracema, TO, 2025.

44 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2025.

Orientadora : Luciane Silva de Souza

1. Krahô. 2. Cultura. 3. Mulheres. 4. Mehin. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DANIELA PEREIRA FERREIRA

UM ESTUDO SOBRE A OBRA DA AUTORA CREUZA PRUMKWYJ KRAHÔ:
ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DOS KRAHÔ E AS MULHERES
MEHIN

Monografia apresentada à Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus de Miracema, Curso de
Pedagogia. A monografia foi avaliada para a obtenção
do título de licenciada e aprovada em sua forma final
pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: __08__ / __07__ / __2025__

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Luciane Silva de Souza, Orientadora, UFT

Prof. Dra. Edite Smikidi de Brito, examinadora, SEDUC

Prof. Dra. Suiá Omim, examinadora, UFT

Prof. Dra. Sabrina Plá, examinadora, UFT

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a uma mulher indígena no ano 2003, no hospital Municipal de Miracema, no dia 15 de abril, estava com o seu filhinho recém-nascido, e do lado dela havia uma mulher com a sua filhinha também recém-nascida. Esta estava sem leite para alimentá-la. Sem pensar duas vezes, ela cedeu o seu leite para a pequenina não-indígena, chamada Daniela Pereira Ferreira. O nome dessa mulher indígena é Edinalva da etnia Xerente, que reside em Miracema. Meu profundo agradecimento! Muito obrigada, pela sua atitude!

RESUMO

A presente pesquisa parte do olhar da autora Creuza Prumkwyj Krahô, que destaca a relevância das mulheres Mehin na preservação da cultura Krahô, enfatizando seu papel na transmissão de saberes intergeracionais voltados aos cuidados, prevenção de doenças, preparo de alimentos e organização de eventos e cerimônias tradicionais. As mulheres são fundamentais para manter e ensinar os costumes do povo Krahô, participando ativamente de festas, rituais, corridas de tora e outras atividades culturais, além de atuarem como pajés, mães e cantoras, em diversas funções essenciais à aldeia. Esta monografia tem como objetivo a partir dos estudos da autora indígena, examinar aspectos relacionados à valorização da mulher Mehi e ao contexto histórico e cultural do povo Krahô. Daí, a problemática: quais são os principais aspectos culturais e o papel da mulher dentro da comunidade Krahô? Evidenciou-se que as mulheres Mehin desempenham um papel central na cultura Krahô, contribuindo de maneira significativa para a preservação cultural, histórica e dos costumes desenvolvidos ao longo de décadas de resistência no território Mehin. Entre suas principais atuações, destacam-se os cuidados relacionados ao corpo, alimentação, cabelos, rituais funerários, relação com a natureza, celebrações tradicionais, formação de corredores de tora, além de participações como cantoras, pajés, chamadoras, contadoras de histórias, parteiras e transmissoras dos saberes ancestrais Krahô às novas gerações, incluindo aquelas que podem exercer o papel de pajé na comunidade.

Palavras-chave: Krahô. Cultura. Mulheres. Mehin. Saberes tradicionais.

ABSTRACT

This research is based on the perspective of the author Creuza Prumkwyj Krahô, who highlights the relevance of Mehin women in the preservation of Krahô culture, emphasizing their role in the transmission of intergenerational knowledge focused on care, disease prevention, food preparation and organization of traditional events and ceremonies. Women are essential to maintaining and teaching the customs of the Krahô people, actively participating in festivals, rituals, log races and other cultural activities, in addition to acting as shamans, mothers and singers, in several essential functions for the village. Based on the studies of the indigenous author, this monograph aims to examine aspects related to the valorization of Mehi women and the historical and cultural context of the Krahô people. Hence, the problem: what are the main cultural aspects and the role of women within the Krahô community? It was evident that Mehin women play a central role in Krahô culture, contributing significantly to the cultural and historical preservation and the customs developed over decades of resistance in Mehin territory. Among their main activities, the following stand out: care related to the body, food, hair, funeral rituals, relationship with nature, traditional celebrations, formation of log runners, in addition to participation as singers, shamans, callers, storytellers, midwives and transmitters of ancestral Krahô knowledge to new generations, including those who can exercise the role of shaman in the Community.

Keywords: Krahô. Culture. Women. Mehin. Traditional knowledge.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	POVO MEHIN: HISTÓRIA E CULTURA	9
2.1	A história do povo Mehin	9
2.2	Alimentação	12
2.3	Aspectos culturais do povo Mehin-krahô: da pintura à narrativa da estrela	14
2.4	Artesanato.....	15
3	CREUZA E SUA OBRA: CONTRIBUIÇÕES PARA O CONHECIMENTO SOCIOCULTURAL E HISTÓRICO DO POVO MEHIN.....	17
3.1	Biografia.....	17
3.2	Os escritos de Creuza Krahô.....	17
3.3	O povo Krahô pelo olhar de Creuza.....	24
4	AS PRÁTICAS FEMININAS NA VISÃO DA AUTORA CREUZA PRUMKWYJ KRAHÔ SOBRE A CULTURA DO POVO MEHIN: UM OLHAR TERRITORIAL E INTERCULTURAL	30
4.1	Mulheres Mehin	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	43

CAPÍTULO 1

1 INTRODUÇÃO

Esta introdução apresenta a temática de trabalho de conclusão de curso, e se autointitula como: “UM ESTUDO SOBRE A OBRA DA AUTORA CREUZA PRUMKWYJ KRAHÔ: ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DOS KRAHÔ E AS MULHERES MEHIN, e têm como objetivo de pesquisa sobre a obra de Creuza Prumkwyj Krahô, mulher Mehin (Krahô), destacando como seus escritos revelam a lógica de vida e os aspectos culturais femininos na comunidade Krahô. O estudo também aprofunda o papel das mulheres na cultura Krahô e nas práticas ancestrais, analisando como as atividades e o poder de fala são compartilhados entre as mulheres, especialmente pelas mais velhas.

Esta pesquisa se justifica pela relevância do tema e pela possibilidade de analisar as relações de convivência e atividades da mulher Mehin, utilizando como referência a autora Creuza Prumkwyj Krahô. Além disso, busca ampliar o entendimento sobre o povo Krahô, sua história, cultura e as mulheres Mehin. O estudo tem como objetivo examinar aspectos relacionados à valorização da Mulher Mehin e ao contexto histórico e cultural do povo Krahô. O enfoque está na vida das mulheres indígenas Mehin e nas análises sobre como suas atribuições culturais integram a estrutura e a história do povo Mehin, destacando o papel desempenhado pelas mulheres no processo histórico e na resistência territorial.

A partir de algumas leituras sobre a autora e sobre o povo Krahô, fizemos o seguinte questionamento: Quais são os principais aspectos culturais e o papel da mulher dentro da comunidade Krahô?

Para relatar as experiências das mulheres nas aldeias Mehin, é fundamental utilizar referências de autores como Ana Gabriela Morim de Lima, Creuza Prumkwyj Krahô, Veronica Aldé, Francilene Medeiros Teixeira, Fernando Niemeyer, Márcia Machado, Odilon Rodrigues de Moraes Neto, Joana Fernandes e Mônica Pechincha, a fim de fundamentar historicamente e culturalmente os relatos sobre o povo Mehin, cuja trajetória é marcada por massacres e lutas.

A cultura Mehin apresenta uma lógica própria de convivência que deve ser respeitada; contudo, é necessário promover uma reflexão acerca do papel ocupado por cada indivíduo nos Clãs e nas aldeias. No contexto Mehin, a mulher desempenha funções que, por vezes, substituem as dos homens no que tange à proteção familiar, sendo que, por exemplo, os resguardos praticados pelos homens diferem daqueles adotados pelas mulheres.

Para compreender as práticas e saberes femininos no contexto Mehin, torna-se indispensável abordar a trajetória histórica desse povo e os múltiplos aspectos que compõem sua cultura. É no entrelaçamento da memória coletiva, das experiências ancestrais e do cotidiano das aldeias que se revela a riqueza das relações sociais e das formas de resistência que mantêm viva a identidade do povo Krahô. Assim, mergulhar na história e cultura Mehin é não apenas um exercício de respeito, mas um caminho fundamental para valorizar o protagonismo das mulheres e sua participação ativa na construção e preservação dos modos de vida indígenas.

Ao decorrer desta pesquisa os devidos objetivos destacados como base de aprofundamento metodológico seguiram a lógica do seguinte problema de pesquisa: quais são os principais aspectos culturais e o papel desempenhado pela mulher na comunidade Krahô?

Objetivo Geral é analisar as produções da autora Indígena Creuza Krahô sobre as mulheres Mehin e os aspectos culturais do povo Krahô. Objetivos Específicos foi ao longo da pesquisa conhecer o papel da mulher dentro da cultura Krahô, compreender comunidade dos Mehin através das vivências da autora Creuza Prumkwyj Krahô e verificar como as mulheres dividem as atividades e o poder de fala das mulheres mais velhas em práticas ancestrais.

A metodologia utilizada foi desenvolvida através de revisão bibliográfica, através do processo de registro desta pesquisa utilizamos como objetivo metodológico o qualitativo, tendo por natureza a pesquisa básica, com o objetivo de aprofundamento de pesquisa exploratório e descritivo, e tendo como base um processo de revisão bibliográfico indutivo e fenomenológico.

2 POVO MEHIN: HISTÓRIA E CULTURA

2.1 A história do povo Mehin

Os Krahô se autodenominam Mehin e sua língua materna é o Mehin, da família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. Junto com outros povos, também são chamados de povo Timbira (BORGES; NIEMEYER, 2012).

O povo Krahô compõe conjuntamente com os Rankokamekrá e Apanyekrá (Canelas-Maranhão), os Krinkati (Maranhão), os Kreyé (Maranhão), os Pikobiê (Maranhão) e os Parateyê (Gaviões- Pará), o conjunto de indígenas Timbiras. Todos, em união com os grupos Apinayé (Tocantins), Kayapó (Pará e Mato Grosso) e Akwê (Xavante -Tocantins, e(Carretão – Goiás), Suiá(Mato Grosso), Kreen- AKarôre(Mato Grosso), Kaingang(São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e Xokleng(Santa Catarina), formam a família Jê do Brasil. Ainda os Jê, em interseção com os grupos Krenak e Maxakalé(Minas Gerais), Pataxó(Bahia), Kiriri(Bahia e Aloguas); Fulni-ô(Pernambuco), Karajá(Tocantins e Mato Grosso), Guató(Mato Grosso do Sul) e Ofayé(Mato Grosso do Sul), compõem o tronco Macro-Jê, uma das grandes linhas de parentescos linguístico, do conjunto maior dos Indígenas brasileiros. Segundo Abreu e Albuquerque (2018, p. 133),

Os Krahô habitam entre os rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, afluentes da margem direita do Rio Tocantins. A Terra Indígena Kraholândia foi homologada pelo Decreto-Lei nº 99.062, de 7 de março de 1990 e fica localizada entre os municípios de Goiatins e Itacajá, no noroeste do estado do Tocantins. A Terra Indígena Kraholândia tem uma extensão de 320 mil hectares e fica entre as longitudes 46°54' W e 51°18' W e as latitudes 8° S e 9° S. (ABREU e ALBUQUERQUE, 2018, p. 133).

Naquela época, havia vinte e cinco aldeias e cerca de 2.463 indígenas. Atualmente, este número mudou. Mas, as aldeias que mais se destacam continuam a ser Manuel Alves, Pedra Branca, Forno Velho, Santa Cruz, Aldeia Nova, Bacuri, Serra Grande, Pedra Furada, Cachoeira, Galheiro, Rio Vermelho, Lagoinha, Morro do Boi e Mangabeira (ABREU e ALBUQUERQUE, 2018). As aldeias do povo Krahô estão situadas do lado direito do rio Tocantins.

Segundo a afirmação dos autores Abreu e Albuquerque (2018), a história de contato com os não indígenas teve início no século XVIII,—naquele período de acordo com diversos pesquisadores, os Krahô viviam no Sul do Maranhão, próximos a cidade de Balsas e por volta de 1780, após adentrarem ao estado do Maranhão tiveram o primeiro contato com o povo Krahô.

Os conflitos foram ocasionados principalmente pela disputa de território dos Krahô, em uma tentativa extremamente agressiva de dominação, para ampliação das diversas criações de

gados. As conquistas dos portugueses geravam muita morte e tortura e provocou extermínio de quase toda a população Mehin. De acordo com Creuza Prumkwyj Krahô (2019b, p. 16),

Mesmo diante das distintas situações de imposição do não indígena sobre o povo Krahô, esse não conseguiu retirar de nós os nossos traços culturais, os quais são muito marcantes na cultura Krahô, que é a manutenção e o fortalecimento cotidiano de boa parte de nossos ritos relacionados à memória, a vida social, a econômica e a espiritual. Isto apesar do seu longo período de contato com a sociedade dominante não indígena, desde as frentes de colonização, o povo indígena Krahô ainda mantém seus costumes, dentre eles o de contar histórias. (KRAKÔ, 2019b, p. 16).

Apesar desse longo processo de contato, enfrentamento e resistência, os Krahô mantiveram viva grande parte de sua identidade e práticas tradicionais. A transmissão de histórias, saberes e rituais entre gerações continuou sendo um pilar essencial, fortalecendo laços comunitários e reafirmando o pertencimento ao território ancestral.

Os desafios impostos pela colonização e as constantes pressões externas não foram suficientes para apagar os elementos centrais da cultura Mehin, que permanecem presentes no cotidiano, nas celebrações, no modo de organização da aldeia e nas relações sociais. Essa capacidade de resiliência demonstra não apenas o apego às raízes, mas também a habilidade do povo Krahô em adaptar-se e dialogar com o novo sem renunciar ao que consideram fundamental à sua existência coletiva.

O contato com a população portuguesa trouxe diversas mudanças para o povo Krahô, tanto em aspectos culturais, religiosos, linguísticos, históricos, na educação, na saúde, na identidade, no pertencimento ao seu território, hábitos alimentares e aspectos econômicos.

Ao longo dos séculos, a relação entre os Krahô e os não indígenas foi marcada por transformações profundas, mas também por estratégias de resistência e adaptação. Entre tradições milenares e influências externas, o cotidiano das aldeias passou a incorporar práticas e elementos vindos do contato com a sociedade envolvente, sem, contudo, renunciar aos saberes ancestrais que sustentam a identidade do povo Mehin.

Na paisagem da Kraholândia, observa-se uma convivência dinâmica entre o antigo e o novo: o cultivo de alimentos tradicionais segue lado a lado com a introdução de técnicas agrícolas e produtos urbanos. A transmissão de valores, mitos e ensinamentos ocorre tanto nos rituais quanto nos diálogos diários, mantendo viva a memória coletiva e reforçando o sentimento de pertencimento ao território.

Mesmo diante dos desafios contemporâneos, como a pressão sobre o território, o acesso a direitos e a necessidade de dialogar com diferentes realidades, os Krahô seguem ressignificando práticas e fortalecendo laços internos. A organização social, o modo de habitar e as formas de produção continuam refletindo a sabedoria acumulada de gerações, revelando

uma cultura em constante movimento, mas firme nos princípios que a definem. Para Abreu e Albuquerque (2018, p. 136),

O contato de duas sociedades de culturas diferentes pode causar intensos conflitos, como disputas entre si e também mudanças culturais. O contato da sociedade brasileira com a sociedade indígena ocasiona inúmeras alterações, principalmente, para a sociedade indígena. Essas mudanças podem ter consequências positivas ou negativas em vários aspectos, tais como: conflitos de identidade, relações de trabalho, hábitos alimentares, condições de saúde, aspectos econômicos, educação formal, concepções religiosas, dentre outros. (ABREU e ALBUQUERQUE (2018, p. 136).

O Território Krahô ou Kraholândia foi demarcado em 7 de março de 1990, pelo Decreto nº 99, estando localizado entre Itacajá e Goiatins, Estado do Tocantins. Mas desde 1994 já era ocupado e foi fruto de muitas lutas e resistência. Foi um marco histórico importantíssimo para a sobrevivência e vida sustentável dentro do território, mas não descartamos em hipótese nenhuma a luta constante que este povo mantém até atualmente (TEIXEIRA, 2019, p. 19).

Os Krahô organizam o espaço da aldeia de forma circular. No centro, fica o pátio da aldeia e no entorno ficam as casas. Há uma narrativa que conta que foi o Sol que deu a estrutura física para aldeia do povo Mehin. Segundo a narrativa, o Sol desceu até a Terra e organizou a aldeia no formato circular (KRAHÔ, 2019).

A organização social do povo Krahô são divididas em dois clãs Catámjê e Wacm?jê, o clã Catámjê é associado ao verão e o clã Wacm?jê está ligado ao inverno, e possuem histórias da origem do povo Krahô, as histórias que são baseadas nas narrativas dos anciãos que obedecem a antiga organização que os animais terrestres e aves tinham de ordem do território, visando a organização e divisões territoriais. Segundo (KRAHÔ, 2019b, p. 21).

Segundo as narrativas que os mais velhos contam, antigamente existia uma aldeia na qual moravam todos os animais terrestres e aves. Os animais tinham uma organização de hierarquização, que é utilizada na aldeia até hoje. De acordo com os anciãos, tudo que aprendemos hoje na nossa cultura, aprendemos com alguns animais. Assim, esses animais tinham uma aldeia grande na qual tinha o cacique e os representantes dos partidos de corrida do Wacmejê e Katamjê (partidos responsáveis pela organização social do povo Krahô); eles falavam a língua que nós falamos hoje. Na história, contam que um Mehin foi caçar e achou essa aldeia dos animais e lá ficou por alguns dias, 22 pessoas. Essa é uma das várias histórias que aprendemos no dia a dia das nossas aldeias, mas todas elas são contadas de formas diferentes. Depende da pessoa que conta. Outro fato interessante é que não sei qual dessas histórias surgiu primeiro. (KRAHÔ, 2019b, p. 21).

O povo Krahô sofreu diversos ataques e massacres ao longo da história, provocando a morte de várias pessoas Krahô, isso gerou uma perda no número de moradores do território Krahô, buscando um fortalecimento dos povos, os Krahô dispuseram a ter movimentações de proteção das aldeias, com uso de flexas, espigadas, facão e outros armas confeccionadas a partir da madeira retiradas do cerrado. A caça e pesca foi outra forma de sobrevivência desenvolvidas

pelos Krahô, a alimentação e proteção do seu território sempre foi a principal preocupação desse povo.

O território do povo Mehin é predominantemente coberto por vegetação e os rios, com áreas de mata fechada. Suas casas formam um círculo ao redor de um amplo pátio central, conectadas por caminhos que partem do centro do pátio para cada residência. As moradias, semelhantes às da região, são feitas principalmente de palha e argila, têm telhado de duas águas, não possuem janelas ou divisórias internas.

2.2 Alimentação

Os Krahô plantam e caçam os seus alimentos, no período da seca. No entanto, atualmente, muito do seu consumo é comprado também nos mercados da cidade. Para Abreu e Albuquerque (2018),

O povo krahô sobrevive da produção de mandioca, milho, banana, arroz, fava, feijão, inhame, abóbora, dentre outros. Estes indígenas plantam, ainda, urucum, cabaça e algodão. Eles criam porcos, galinhas e também utilizam a caça para completar a alimentação. As caçadas são realizadas individualmente ou em grupos e estas acontecem geralmente no período da seca. Ultimamente as caçadas têm sido menos frequentes devido à escassez de animais. (ABREU; ALBUQUERQUE, 2018, p. 133-134).

A culinária é fundamental para os Krahô, especialmente nos eventos tradicionais das aldeias. O preparo da mandioca para o paparuto, por exemplo, é feito por mulheres mais velhas que não menstruam mais, responsáveis por descascar, ralar e preparar a massa.

O paparuto é preparado em ocasiões especiais por mulheres mais velhas da aldeia, que cuidam rigorosamente da manipulação dos alimentos, especialmente da macaxeira. Jovens não devem participar do preparo, pois isso pode comprometer a qualidade. As cascas e macaxeiras são reunidas no centro da roda para o processamento coletivo.

Durante o preparo da macaxeira, apenas poucas mulheres experientes devem estar presentes, mantendo silêncio e organização, com as cascas reunidas no centro. É essencial evitar a desorganização das cascas e impedir que alguém urine sobre elas, pois isso pode causar infecção urinária. O conhecimento tradicional das mulheres mais velhas é fundamental para garantir o uso correto da macaxeira. Quando a massa está pronta, as mulheres partem para a organização e preparo das folhas para embalar a massa. No preparo da massa de macaxeira, aparece uma água que deve ser cuidada para as pessoas não adoecerem.

A folha de bananeira utilizada para envolver a massa do paparuto durante seu preparo e assamento, sendo um elemento importante na produção de alimentos entre os Mehin. O uso da

folha de bananeira ocorre em comidas típicas, incluindo aquelas feitas para festas ou finalizações de resguardos, especialmente em ocasiões com muitos visitantes, troca de bens e pagamentos.

Durante esses eventos, as mulheres mais velhas organizam as massas do paparuto no centro do pátio para serem assadas, cuidando também da disposição das folhas cuidadosamente preparadas no chão. Essas mulheres orientam sobre o modo como as folhas devem ser arrumadas para suportar o peso da massa de macaxeira, oferecendo instruções para que o procedimento seja seguido corretamente. A participação direta na manipulação dos alimentos cabe geralmente às mulheres mais velhas, por sua experiência na preparação.

Em seguida, as mulheres adicionam a carne ao preparo. Durante a preparação, realizam a limpeza ao redor das folhas. O paparuto é um alimento tradicionalmente servido em festas e reuniões da aldeia. Pessoas que estejam cumprindo algum tipo de resguardo não podem consumir o paparuto; por outro lado, aquelas que estão finalizando esse período, como no caso do luto, têm permissão para consumi-lo.

O paparuto marca momentos significativos da vida e faz parte de celebrações coletivas envolvendo parentes, familiares e convidados. Visitantes podem receber paparuto, mas caso estejam em período de resguardo, não devem consumi-lo, podendo oferecê-lo a outros participantes da festa.

O paparuto é colocado no moquém para ser assado. O moquém é preparado com pedras quentes no fundo e brasa; o paparuto é posicionado e mais pedras quentes são colocadas por cima, seguidas de uma camada de folha de bacaba. O preparo é monitorado por mulheres mais velhas, que supervisionam o processo sem interferência dos demais.

Existem dois tipos de paparuto: o grande e o pequeno. O pequeno é feito para os familiares e servido a todos, exceto aqueles em resguardo. O paparuto grande é utilizado em celebrações tradicionais que marcam o término dos períodos de resguardo, costume mantido por gerações entre as mulheres mais velhas.

Na construção do moquém, os homens trazem lenha, as mulheres trazem as pedras. Os homens cavam e as mulheres enterram o paparuto no moquém, com lenha e a pedra. Os homens espalham a brasa, as pedras quentes. As mulheres esperam aquecer para colocar o paparuto. Somente os velhos devem ficar próximos ao fogo para mexer no moquém. Ninguém dos jovens tem a devida permissão para participar ativamente deste momento. O paparuto ficará assando até o amanhecer. Na finalização do processo de preparação, o paparuto está assado. Agora, ele será dividido entre os presentes.

A alimentação Krahô é coletiva e esse costume se manifesta especialmente na distribuição e consumo dos alimentos. Cada casa, inclusive as de convidados, recebe sua parte,

e todos compartilham a comida. Os mais velhos, responsáveis pelo preparo, comem com tranquilidade e são servidos com respeito.

2.3 Aspectos culturais do povo Mehin-krahô: da pintura à narrativa da estrela

Os aspectos culturais apresentam grande diversidade. Não é possível abordar todos, mas alguns podem ser destacados. A pintura corporal tradicionalmente, por exemplo, utiliza tintura vermelha do urucum (Pý), preto-azulada do jenipapo (Protí) e seiva do “pau-de-leite” (Arõmerok) aplicada sobre carvão (Prinprò). Em determinados ritos, também ocorre a colagem de penas no corpo.

As pinturas corporais nos jovens Mehin são feitas com jenipapo e urucum, e o chapéu de palha de buriti é usado em festividades. A pintura, tradição ancestral, mantém-se presente em festas, corridas de toras, caçadas e colheitas, sendo fundamental para a transmissão de histórias ligadas à natureza e à música.

Algo importante dentro dos aspectos culturais e da pintura, em específico, é o ciclo etário. O ciclo etário entre os Mehin inicia-se com as crianças, denominadas Akrayré (meninos) e Mekprý (moças). A juventude sucede o casamento e configura-se como um processo de transição que se completa somente após o nascimento do primeiro filho, momento em que se atinge a fase da maturidade. Segundo (FREITAS, 2001, p. 266).

A pintura corporal é amplamente utilizada, obedecendo aos padrões específicos para identidade de filiações ritualísticas em várias circunstâncias. Servem de tintura vermelho do urucum (Pý), o preto-azulado do jenipapo (Protí) e a seiva do “pau-de-leite” (Arõmerok) colado ao negro do carvão (Prinprò). Em determinados ritos, faz-se uso de colagem de penas pelo corpo, também nesse caso seguindo um padrão específico definido pelas regras cerimoniais. (FREITAS, 2001, p. 266).

Outro aspecto importante da cultura é o contexto histórico do povo Mehin, que é muito amplo e diverso e cuja origem do próprio povo, se entrelaça diretamente com as sementes, conforme tradicionalmente contam.

Um dos principais mitos da cultura refere-se à estrela Caxêkwyj, que narra a história dos primórdios da agricultura para o povo Krahô. Ao longo das décadas, a preservação desse aspecto cultural da mitologia tem sido garantida pelos anciãos da terra indígena (denominados Mêhcàre), os quais transmitem seus conhecimentos às gerações mais jovens, buscando assegurar a continuidade da tradicional agricultura Mehin. Segundo as autoras Dias, Piovezan, Santos, Aratanha e Silva (2014 apud SCHIAVINI, 2000, p. 9).

O mito da estrela Caxêkw`j narra a história dos primórdios da agricultura para a etnia Krahô, cujo território atualmente está situado no nordeste do estado de Tocantins. Ainda vivo, o mito é mantido por inúmeros anciãos da terra indígena (chamados Mehcâre), que contam aos jovens sobre a origem de todas as sementes tradicionais da sua agricultura (Schiavini, 2000). (DIAS, PIOVEZAN, SANTOS, ARATANHA e SILVA (2014 apud SHIAVINI, 2000, p. 9).

Ao longo da história, a pressão constante causou a perda da diversidade de sementes agrícolas, resultando em problemas e fome para toda a etnia. Conforme Dias, Piovezan, Santos, Aratanha e Silva (2014, p. 9).

Os Krahô, no entanto, não se eximiram de buscar reverter esse quadro de alta vulnerabilidade. Este artigo relata a inovadora experiência desenvolvida pela parceria entre os Krahô e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), mediada pela Fundação Nacional do Índio (Funai). A estratégia consistiu em integrar práticas de conservação de recursos da agrobiodiversidade *ex situ* (nos bancos de germoplasma da Embrapa) e *in situ* ou *on farm* (nas roças indígenas) (DIAS, PIOVEZAN, SANTOS, ARATANHA e SILVA, 2014, p.9).

A narrativa da estrela de Caxêkwj constitui mais um relato transmitido entre os membros da família, evidenciando a importância da presença de Caxêkwj na Terra. Esse entendimento sobre o universo Mehin é fortalecido no contexto do convívio familiar, enriquecido pela significativa quantidade de histórias compartilhadas. O mito da estrela nos ajuda a compreender essas variedades de sementes que os Mehin, possuíam no passado.

A história relata que, no pátio da aldeia, um homem Krahô vê uma estrela descer do céu e transformar-se em mulher. Após o breve encontro, ela retorna ao céu, deixando ao amado e sua comunidade, o milho e outras plantas importantes para a roça. O interesse por narrativas como essa reflete o papel fundamental da contação de histórias para o povo Mehin na preservação cultural e na luta pela valorização de suas tradições.

A cultura e as histórias do povo Mehin têm como foco resgatar e transmitir vivências tradicionais, valorizando espaços culturais como a roça, a caçada, a colheita, o Wýhtý e o pátio, que vêm sendo cada vez mais esquecidos pela comunidade ao longo do tempo. Para Freitas (2001, p. 267).

A aldeia(krin) Krahô, à semelhança de toda cultura Timbira, caracteriza-se pela distribuição circular das casas (Ikré), unidas por uma estrada(krinkapé) e raizadas por outras (Prýkarã), que, partindo de casa de habitação, encontram-se no centro, formado um pátio e cada casa nos terminais de seus raios ou, usando outra comparação, seguindo o desenho em formato de roda de carroça. (FREITAS, 2001, p. 267).

2.4. Artesanato

O artesanato possui papel relevante para o povo Krahô, estando relacionado à identidade cultural do grupo e influenciando seu modo de vida e vestimenta durante celebrações

tradicionais. A confecção de itens como cestos, bolsas, anéis, pulseiras, brincos, colares, braceletes e tapetes é tradicionalmente realizada pelas mulheres. O conhecimento sobre o artesanato é transmitido por meio da observação, com as mulheres mais jovens acompanhando atentamente o trabalho das mais experientes.

As miçangas ocupam papel central na cultura Krahô, simbolizando a competência feminina e sendo usadas por homens e mulheres. Elas estão presentes em rituais como resguardos, corridas de tora, festivais e outros eventos culturais, servindo como adereços que identificam e distinguem o povo Krahô de outros grupos indígenas.

Esses espaços, quando e onde ocorrem os rituais e as festas tradicionais, são fundamentais para a vida, o conhecimento tradicional e ancestral do povo Mehin, contribuindo para sua identidade, resistência e modo de pensar. Neles, os anciãos transmitem grande parte dos saberes às novas gerações. Segundo Freitas (2001), o pátio central da aldeia é um espaço predominantemente masculino onde os homens se reúnem diariamente para discutir tarefas coletivas, compartilhar relatos e distribuir recursos. Ali também ocorrem os principais rituais, além de cânticos e danças tradicionais quase diários. Durante esse tempo, homens solteiros dormem no pátio em esteiras chamadas Kupimp.

3 CREUZA E SUA OBRA: CONTRIBUIÇÕES PARA O CONHECIMENTO SOCIOCULTURAL E HISTÓRICO DO POVO MEHIN

3.1 Biografia

Creuza Prumkwyj Krahô, nascida em fevereiro de 1971 na aldeia Galheiro (TO), reside atualmente na Aldeia Nova. Sua avó sobreviveu a um massacre da década de 1940 contra o povo Mehin, que historicamente enfrenta ataques recorrentes. Formada em Magistério no Tocantins, Creuza concluiu mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e Comunidades Tradicionais na UnB, defendendo sua narrativa "Wato ne hômpu Kâmpa. Convivo, vejo e ouço a vida Mehin (Măkrarè)", em 2017. A autora observa que antropólogos costumam priorizar relatos masculinos entre os Mehin, pois o acesso dos homens à Língua Portuguesa é mais comum do que entre as mulheres. Krahô (2017, p. 15), nesse sentido afirma que:

Eu fui conhecer-pesquisar como a mulher Krahô convive com o resguardo, como ela se sente sem ou com o resguardo feito, qual a importância do resguardo para a mulher. Para isso, busquei compreender o resguardo para todos os Krahô (homem, mulher, quando se é criança, jovem, adulto, velho). (KRAHÔ, 2017a, p. 15).

É fundamental reconhecer e valorizar a voz das mulheres Mehin, detentoras de múltiplos saberes tradicionais. Elas são responsáveis pela realização das pinturas corporais, pelo corte de cabelo característico do povo Krahô e pela confecção das paramentações essenciais ao êxito dos caçadores. A pesquisa ressalta o conhecimento feminino, sobretudo relacionado ao resguardo, uma prática de cuidado corporal sustentada e transmitida entre as mulheres. A autora Creuza defende a efetiva implementação da “educação diferenciada”. Em 2017, atuou como docente na Formação Transversal em Saberes Tradicionais, ministrando a disciplina Cosmo ciências: arte da miçanga. Para Creuza Prumkwyj Krahô (2017a, p. 15).

O resguardo é entendido aqui como todo cuidado na vida da pessoa e dos seus familiares, envolve saber o que comer, o que usar, como se pintar, cortar o cabelo, se pode trabalhar, pescar, correr a corrida de tora, ir para a roça, fazer sexo, tomar banho junto e o quê cantar. Envolve também cuidados em fases importantes da vida como, por exemplo, no momento de parir, menstruar, que devem ser mantidos pela pessoa-mulher, seu companheiro, seus outros filhos e seus pais. Então, é um cuidado familiar que precisa de todos da família para acontecer. (KRAHÔ, 2017a, p. 15).

3.2 Os escritos de Creuza Krahô

A história dos Mehin começa com a transmissão de conhecimentos tradicionais, passados pelos mais velhos. A narração de histórias desempenha um papel relevante na preservação das

práticas ancestrais e no uso da língua materna. Devido ao contato com outras culturas e diferentes possibilidades de vida, esses elementos correm o risco de se perder.

O conhecimento indígena tem relevância para os Cupens (não indígenas), mas assume significados distintos para o povo Mehin. O contexto da história da estrela (Caxekwýj) está relacionado ao papel da mulher na cultura Mehin e à organização social do grupo na aldeia, estabelecendo as dinâmicas que orientam as mulheres Mehin ao longo do tempo. Nesse sentido, Krahô (2017a, p. 70) coloca que:

Essas mulheres são cantoras, elas guardam uma semente na cabeça, que veio das mulheres cabaças. Essa semente é como um computador que guarda a memória. Para essa memória ser guardada e limpa, essas mulheres devem usar o sereno, usar vários tipos de plantas medicinais, remédio do cerrado, uso da água do rio pela manhã, bem cedo. Devem tomar banho cedo. Usam muitas folhas do cerrado para guardar as músicas, há músicas do dia, da noite, da meia-noite, da madrugada. Para gravar tudo isso, essa mulher deve fazer um resguardo rígido que transforme seu corpo para ter a semente, deve ter uma vista boa também. Deve usar um remédio para vista para enxergar bem, para ver a noite, não sentir dor, para ela poder enxergar a noite. Assim, elas terão uma memória boa, há várias músicas que acontecem ao longo do dia, da noite e da madrugada. Elas seguem um resguardo rígido, só pode fazer sexo durante o dia - de manhã ou ao meio-dia ou a tarde - não pode fazer sexo durante a noite. Ao longo da noite, elas cantam muito. (KRAHÔ, 2017a, p. 70).

Além disso, a narrativa de Creuza demonstra como a transmissão dos saberes femininos é essencial para a manutenção dos rituais, da língua e da identidade Mehin. O resguardo, entendido como um conjunto de práticas corporais e espirituais, manifesta-se não apenas como cuidado pessoal, mas como um elo vital na estrutura social, marcando ciclos de vida e momentos de passagem entre gerações.

As mulheres ocupam um papel central na transmissão oral e na preservação de conhecimentos sobre plantas, cantos e rituais, sendo guardiãs de memórias ancestrais que fortalecem a resistência cultural do povo Mehin diante das influências externas e da pressão colonizadora. É por meio dessas práticas que se perpetua o equilíbrio entre o sagrado e o cotidiano, evidenciando a riqueza da cosmologia Mehin e a complexidade das interações entre os diferentes papéis sociais.

A cultura Mehi é estruturada a partir da compreensão da história da estrela Caxêkwyj, e o papel da mulher é considerado sob a perspectiva de sua relevância no contexto em que vive e no espaço que ocupa. Por meio do relato sobre as responsabilidades femininas, desenvolve-se gradualmente, como etnia, território, língua e cultura, uma compreensão das histórias ancestrais transmitidas oralmente, o que contribui significativamente para a preservação da língua e da memória coletiva.

Os cuidados das mulheres Mehin na aldeia, na roça e nas festividades refletem fundamentos antropológicos importantes, como a identidade cultural de um povo, os costumes, a culinária, o artesanato, as danças tradicionais, os rituais e histórias dos antepassados. Os relatos sobre estrelas, cabaças, sementes, rãs e sua relação com o sol e a lua mostram que a criação segue uma lógica histórica ligada à aldeia e à hierarquia feminina no cuidado do povo e da agricultura, mesmo com limitações específicas às mulheres. A preservação dessa cultura é evidente e indispensável para a educação e para os aspectos culturais dos Mehin, reduzindo a influência de elementos colonizadores. Segundo Krahô (2017a, p. 42),

Sol deixou com as mulheres o conhecimento sobre a vida mehi, deixou com elas a tarefa de ensinar. As mulheres mais velhas comem juntas, pois têm as mãos limpas, são mehi plenas, são responsáveis pela produção do alimento coletivo como o paparuto, pela sociabilidade. Elas não fazem mais sexo, não menstruam, não pegam em qualquer coisa. Com vinte anos, a mulher começa a usar suas mãos, a manipular objetos, alimentos, corpos, elas devem vivenciar essa sabedoria das mãos para aprender a manter a vida. O amadurecimento do pensamento das mulheres mais velhas lhes proporciona outro ritmo, outros toques. Concentram o movimento de suas mãos para o cuidado com as crianças, elas fazem o alimento dos mais novos. Com elas tudo está limpo e não contaminado, pois suas mãos estão limpas com o amadurecimento e sabedoria mehin. (KRAHÔ, 2017a, p. 42).

Essas práticas e saberes, transmitidos com zelo pelas anciãs, consolidam um modo de existência em que a oralidade é a ponte entre passado e presente, tornando-se ferramenta essencial para a resistência cultural. O resguardo, mais do que uma série de proibições, revela-se como um pacto de responsabilidade coletiva, onde o corpo e a memória se cruzam nas experiências cotidianas e nos rituais que reafirmam a identidade Mehin. Assim, as mulheres tecem, em gestos, cantos e conselhos, a continuidade do saber, garantindo que suas linhagens resistam ao esquecimento e às profundas influências externas.

O papel das mulheres na aldeia vai além do cuidado familiar: são elas que, por meio dos ciclos de vida, do preparo dos alimentos, da transmissão dos cantos e do manejo das plantas, asseguram a vitalidade dos costumes e a renovação das tradições. O fortalecimento dessas práticas, sobretudo diante dos desafios impostos pelo contato com outros povos e pela pressão colonizadora, mostra a resiliência do povo Mehin em preservar aquilo que constitui a sua essência – um conhecimento vivo, dinâmico e coletivo.

Esse debate sobre a cultura e a história do povo Mehin deve ser abordado a partir das primeiras descrições da territorialidade e do desenho das moradias, que são orientadas em relação ao sol para atender cada clã conforme a posição do sol e da lua. De acordo com Creuza Krahô (2017a).

As práticas de resguardos são realizadas no seio da família nuclear e em situações liminares ligadas ao ciclo de vida da pessoa, como nascimento, crescimento, adoecimento, iniciações, etc. De modo geral, elas envolvem não apenas restrições alimentares, mas também abstinência sexual e interdição de certas atividades por parte da pessoa e/ou de seus parentes consanguíneos próximos. Se a pessoa não vivencia os resguardos, ela não terá memória, pois para guardar os conhecimentos e o jeito certo de ser Krahô, é preciso viver, ouvir, praticar, falar, compartilhar. (KRAHÔ, 2017a, p. 6).

Considerando a cultura Mehin e a valorização das narrativas orais, observou-se que a influência dos cupens (não indígena) na apropriação cultural não resultou em mudanças significativas para esse povo, ainda pouco conhecido por muitos. Embora tenham ocorrido alterações em determinados aspectos culturais devido a essa imposição, os traços culturais permaneceram presentes na cultura Krahô, favorecendo a preservação e o fortalecimento de práticas cotidianas relacionadas à memória, à vida social, econômica e espiritual.

Apesar de anos de contato direto com a sociedade dos Cupens desde a colonização, o povo Mehin preserva seus costumes, especialmente a oralidade, que é fundamental para sua memória, espiritualidade e rituais históricos, com destaque para o papel das mulheres cabaças na aldeia.

A transmissão dos conhecimentos relacionados à organização das festas, aos cultivos, aos cuidados com os povos, com a natureza e com os rituais fúnebres está diretamente ligada ao compartilhamento de saberes do povo Mehin. Tal processo ocorre especialmente entre as mulheres, com ênfase nas mais velhas, que desempenham papel fundamental nesse contexto. Para Krahô (2017a, p. 30),

A primeira mulher-cabaça era a mulher do Sol, ela viveu e tem a sabedoria do primeiro resguardo, o da menstruação, do sangue que flui. Ela repassou este conhecimento para as mulheres mehin. Menstruação e gestação caminham juntas, o sangue flui nessas duas situações e este deve ser cuidado. Após o evento da menstruação vivido pela mulher de Sol, as mulheres passaram a ter filhos. Na gestação, a mulher vive uma série de resguardos. (KRAHÔ (2017a, p. 30).

Ao longo da história, observa-se que a humanidade, conforme sua região, organiza-se de diferentes maneiras para suprir necessidades básicas e buscar significado para sua existência no território. Tanto não-indígenas quanto indígenas, enquanto sociedades e indivíduos inseridos em elementos culturais como música, dança e contação de histórias, buscam construir identidade e afirmar suas particularidades. As expressões orais e corporais desempenham papel relevante na trajetória coletiva, ao evidenciar aspectos históricos e etnológicos.

Partindo dessa perspectiva, chega-se ao conceito de organização social, que regula as relações humanas e orienta as atitudes tomadas pelos indivíduos. Essas estruturas carregam consigo seus processos de formação, constituição e desenvolvimento de manifestações culturais.

Existem diferenças entre essas formas de organização; contudo, não se estabelece uma hierarquia entre elas no âmbito das sociedades ou comunidades, que podem apresentar níveis variados de complexidade, dependendo da quantidade de indivíduos envolvidos e de suas características subjetivas.

Nesse cenário, é fundamental perceber como o saber tradicional se renova a cada geração, mediado pela escuta atenta e pelo convívio diário. Os conselhos das mais velhas se entrelaçam às experiências dos jovens, compondo uma teia de significados que fortalece o senso de pertencimento à aldeia. Ao mesmo tempo, a oralidade emerge como um território fértil para o exercício da criatividade, da escuta e do aprendizado interpessoal. Os relatos e as histórias transmitidas à sombra das árvores ou ao redor da fogueira carregam ensinamentos sobre como agir diante das adversidades, como manter a harmonia com a terra e com o outro, e como preservar aquilo que é sagrado para o povo Mehin. As palavras, ao serem partilhadas, ganham vida própria, moldando comportamentos, orientando escolhas e sustentando a continuidade dos ritos e práticas ancestrais.

Dessa forma, a aldeia se constitui não apenas como espaço físico, mas como extensão dos corpos e das vozes de seus habitantes. A circularidade da vida cotidiana reflete-se na arquitetura das moradias, nas trilhas abertas entre as árvores e na dinâmica dos encontros comunitários, onde cada gesto e cada fala reafirmam a identidade coletiva. Assim, a resistência cultural do povo Mehin se revela, sobretudo, na capacidade de transformar o cotidiano em celebração da memória e na perpetuação de saberes que resistem ao tempo e às tentativas externas de apagamento.

Na cultura Krahô, a oralidade destaca-se como um dos principais meios de transmissão dos saberes tradicionais, sendo uma prática linguística presente em diversas atividades cotidianas desse povo. Por meio da voz, considerada uma importante ferramenta de comunicação, os Mehin relatam histórias de vida, compartilham ensinamentos e fornecem conselhos à comunidade, promovendo assim a aquisição e o intercâmbio de conhecimentos essenciais entre seus membros. Para Krahô (2017a, p. 38).

A segunda mulher-cabaça vivia na primeira aldeia mehin, junto com a mulher do sol. Ela já aprendeu o resguardo da menstruação e da gestação, como controlar o sangue que flui, e está vivenciando sua vida sexual. Coube a esta mulher aprender e repassar os ensinamentos sobre as cestarias, sobre tudo o que se usa na casa mehin, sobre as pinturas, as comidas e a corrida de tora. Ela mostrou como manter a vida da aldeia que deve estar entrelaçada com a observação de diversos resguardos, realizados ao longo da produção de cada uma dessas coisas. As cestarias englobam tudo o que se usa para fazer a comida, para guardar, levar alimentos da /para roça, carregar coisas da casa, fazer trocas com outras mulheres. As pinturas são várias. Ela ensinou a usar a pintura do jenipapo para enfeitar a pessoa, a pintura de cor preta da essência de uma árvore é usada para proteção do bebê e limpar a pele. A pintura vermelha do urucum serve para

a proteção da pele e é usado pela mãe em seu corpo, para proteger a criança. Ela mostrou o cuidado que se deve ter com a roça, quais os diretos que as mulheres têm para poderem ter o cuidado na roça, plantar na roça batata, inhame, mandioca, macaxeira, amendoins. (KRAHÔ, 2017a, p. 38).

No contexto da oralidade Mehin, as narrativas dos mais velhos desempenham um papel importante na transmissão de histórias, contribuindo para a continuidade da memória e da cultura entre diferentes gerações desse povo.

Esta é a forma como os povos indígenas compreendem o mundo e os ambientes aos quais estão expostos ao longo dos anos, buscando evitar impactos negativos e permanentes que possam comprometer ou eliminar referências culturais. Trata-se de uma sociedade com lógicas de vivência distintas e experiências de resistência, na qual práticas de cuidado são transmitidas entre gerações para evitar seu desaparecimento após a morte de seus anciãos e anciãs.

Aprender com os antepassados é essencial para a identidade cultural dos Mehin. A escolha dos arcos e flechas, em vez da espingarda, reforça sua tradição indígena e representa, por exemplo, uma estratégia de caça silenciosa, distinguindo-os do povo não indígena (Cupens).

A aldeia apresenta um modo de vida significativamente distinto do observado através da revisão bibliográfica das obras da autora Creuza Prumkwyj Krahô, em relação aos os cupens, por oferecer um ambiente onde a natureza prevalece, é bem caracterizado por direcionamentos a tranquilidade e serenidade. Os povos Mehin, então divididos em indígenas que convivem em boa parte do seu cotidiano na cidade, em sociedade não- indígena, movimento causado pela modernização, que é algo natural e necessita ser tratado, e compreendido á rigor, compartilham de muitas preocupações como, por exemplo a organização social do seu povo, e as dinâmicas de convivência na aldeias e comunidades dos povos Krahô, mas em contrapartida, imagine-se que algumas preocupações relacionadas a papéis sociais que são comuns entre os cupens sejam mais relacionados à vida urbana, e nota-se, por meio dos relatos da autora Creuza Prumkwyj Krahô, que questões como o plantio da roça, a frequência às aulas na escola da aldeia ou a realização de atividades musicais, são prioridades, em meio a esse leque de articulações e organizações em suas dinâmicas de vivências em seu território, que são primordiais. Vivem conforme os costumes Mehin, com muitas preocupações cotidianas, que estão relacionadas exclusivamente à sua cultura, modo de enxergar à natureza e a vida na terra. O rio exerce uma forte presença em seu cotidiano, sendo que geralmente retornam para casa apenas quando sentem fome.

O formato circular das aldeias Mehin possui significado relacionado às narrativas tradicionais do grupo, segundo as quais o Sol teria influenciado a estrutura física da aldeia ao descer até a terra e organizar o espaço de acordo com seu próprio formato. Desde então, as aldeias passaram a ser construídas no padrão circular, sendo essa configuração espacial

vinculada à visão de mundo expressa nas histórias originárias. Relatos dos mais velhos mencionam que existiu uma aldeia habitada por todos os animais terrestres e aves, onde se estabeleceu um sistema de hierarquização que ainda é utilizado na organização das aldeias atualmente.

De acordo com relatos dos anciãos, o universo considerado pela cultura Mehin é compreendido como conhecimento transmitido pelos animais. Esses animais possuíam uma grande aldeia, que contava com um cacique e representantes dos partidos de corrida do Wacmejê e Katamjê, responsáveis pela organização social. Eles utilizavam a mesma língua que atualmente é falada pelo povo Krahô.

Uma das narrativas afirma que um integrante Mehin saiu para caçar e encontrou a aldeia dos animais, onde permaneceu por alguns dias. Esses relatos possuem diversas versões, que são transmitidas no cotidiano das aldeias Mehin de maneiras variadas, dependendo do indivíduo responsável pela transmissão. Outro ponto relevante é que não se sabe ao certo qual dessas histórias surgiu primeiro; contudo, isso não implica que os relatos passados ao longo do tempo pelos anciãos devam ser desvalorizados.

Os animais são considerados os criadores do (Wyty), frequentemente descrito como uma espécie de “pensão” por não indígenas. Representados sob a forma humana, esses animais organizavam eventos festivos, tais como festas e corridas de tora de buriti e fechas. De acordo com o contexto cultural detalhado desta narrativa, compreende-se que, até então, esse conhecimento não era plenamente integrado à realidade Mehin. Com o tempo, os antigos Mehin começaram a estruturar suas próprias organizações, festividades e equipes para as tradicionais corridas de tora de palmeira de buriti.

Nessa perspectiva, observa-se que as mulheres desempenham, em determinados momentos, o papel central na transmissão das narrativas dos Povos Mehin, fundamentadas na cosmovisão característica desse grupo. Elas atuam tanto como narradoras do passado para filhas e netas quanto como receptoras, no papel de mães, avós e bisavós. Essa dinâmica contribui para a preservação da memória coletiva e incentiva, sobretudo, a valorização da oralidade e das formas tradicionais de expressão, reforçando a identidade e o autoconhecimento Mehin.

A prática de contação de histórias por mulheres configura-se como parte integrante do processo de transmissão cultural na aldeia, destacando a participação ativa das mulheres nesse contexto. É comum que, durante as noites em espaços de convivência, ocorra a narração de relatos pelas mulheres da comunidade. Observa-se, com isso, um processo de aprendizado gradativo, no qual cada história é contada de maneira única, refletindo a forma como cada narradora assimilou e interpreta o conteúdo transmitido pelas gerações anteriores.

Observa-se que o povo Mehin gradualmente se apropria do conhecimento necessário para registrar na memória coletiva as histórias dos antepassados, tradicionalmente transmitidas por via oral conforme os costumes culturais. Identificam-se, contudo, outras formas de comunicação do conhecimento; ressalta-se que, atualmente, prevalecem entre os jovens métodos de transmissão distintos dos tradicionais. Para garantir o fortalecimento efetivo da cultura, é imprescindível priorizar e valorizar os saberes tradicionais, favorecendo assim maior acesso à oralidade e promovendo a autonomia na disseminação desses conhecimentos.

O conhecimento adquirido nesta pesquisa por intermédio de revisão bibliográfica, que foi desenvolvido pela sociedade ao longo da história, considerando as características de cada território, manifesta-se de maneiras distintas para atender às necessidades fundamentais relacionadas à vida, reprodução e atribuição de sentido à existência. As variações podem ser observadas em relação aos comportamentos disponíveis, visto que, na maioria dos casos, realizam-se ações não rigidamente definidas por normas humanas específicas.

3.3 O povo Krahô pelo olhar de Creuza

O histórico do Povo Timbira inclui diversos conflitos relacionados à sobrevivência, com a perda de parentes, como observamos no capítulo anterior, sendo uma experiência comum para os membros mais antigos da comunidade. Esse contexto contribuiu para o desenvolvimento de conselhos e costumes específicos dessa etnia.

A resistência tornou-se uma prática relevante na manutenção do território atualmente composto por 322 mil hectares de cerrado preservado, resultado de processos coletivos ao longo do tempo. No passado, não existiam órgãos oficiais que oferecessem o apoio disponível atualmente. Para Krahô (2017a, p. 20).

Nossa Terra Indígena é denominada, por nós, como Mãkraré e está localizada no estado do Tocantins, nos municípios de Goiatins e Itacajá. Os Cupen denominaram nossa Terra Indígena como Kraôlândia e depois como Krahô. Apesar de contarmos com um território de, aproximadamente, 3.200 km demarcados, em 1944, pelo então governo do estado de Goiás, com rico cerrado nativo preservado e um bom abastecimento de água, várias questões nos preocupam muito. Na Constituição Federal de 1988, conquistamos muitos dos nossos direitos, mas em cima das leis realizadas pelos Cupen só temos encontrado sofrimento. Nem o direito à terra é respeitado ainda hoje. (KRAHÔ, 2017a, p. 20).

A cultura e a história Mehin se refletem nos rituais relacionados à dispersão e multiplicação das sementes de milho nas roças, bem como nos cantos e celebrações realizados nas aldeias. Para os Krahô, esse processo estabelece um significado de pertencimento dentro da própria cultura, fenômeno observado entre os Timbiras. O mestre do ritual Tejapôc armazena em

uma pequena cabaça as sementes restantes de milho e cada variedade local, tanto no passado quanto atualmente, é valorizada em suas diferentes denominações, sendo central em práticas de preservação. Para autora,

Sol ensinou as mulheres a fazerem os resguardos, elas aprenderam como deveriam se cuidar. Primeiro, aprenderam como controlar o sangue que flui, na menstruação e na gestação. Aprenderam a cuidar desse sangue, o que significa restabelecer seu corpo, após parir o primeiro filho. Assim, as mulheres passaram a viver a renovação que é marcada pela inserção em uma nova vida e na prática de outros resguardos. Aprenderam a cuidar dos mortos, manter a convivência na família, na comunidade e com os visitantes de outras comunidades. Aprenderam com Sol sobre o resguardo da memória, o qual está nas mãos, na música, na pintura, nas histórias. Essas mulheres-cabaças aprenderam com Sol e foram repassando esse conhecimento entre elas. Semelhante à rama das cabaças que as reúne, esse conhecimento circula e reúne as mulheres mehin até chegar aos dias atuais. São saberes e jeitos de viver das mulheres que mantêm o movimento da vida mehin. (KRAHÔ, 2017a, p. 115).

Mantendo a lembrança do velho, o ritual consistia em semear com passos lentos e firmes, sempre em linha reta, usando um bastão tanto para apoiar quanto para abrir as covas onde se plantavam as sementes.

O registro preserva a memória Mehin sobre a forte liderança de Olegário Tejapoc em rituais importantes, como a festa de colheita de milho, atualmente pouco celebrada nas aldeias. Por isso, é fundamental guardar essas lembranças por meio de câmeras, gravadores, celulares, cadernos e livros. Para Krahô (2020, p. 107 e 108).

Guardamos também a lembrança da forte presença de Olegário Tejapoc na condução de importantes rituais. Foi dele que surgiu a demanda para que nós apoiássemos a elaboração de um projeto de registro e documentação da festa de colheita do milho, o Põhyre, que há muito não vinha sendo celebrada nas aldeias. Na época, Tejapoc era o único que ainda sabia realizar essa festa e, por isso mesmo, ele insistia que era preciso semeá-la entre os mais jovens, ensiná-los como guar dá-la e multiplicá-la. Ele reiterava a importância de que os jovens “gravassem tudo no krã” (cabeça), como fizeram ele e os antigos que o ensinaram, mas também por meio das novas tecnologias aprendidas com os cupê, os não indígenas: câmeras fotográficas, gravadores, celulares, cadernos e livros. (KRAHÔ, 2020, p. 107 e 108).

Antigamente, os Mehin ocupavam áreas mais extensas. Sua agricultura é interativa, integrando caça e coleta no cotidiano do cerrado e nas dinâmicas das aldeias. O primeiro contato ocorreu no início do século XIX, e, desde a segunda metade do século XX, transformações profundas têm impactado sua concepção de vida.

Os Timbira ocupavam territórios mais extensos e praticavam agricultura itinerante, caça e coleta de forma integrada até o início do século XIX. Desde então, seu modo de vida mudou significativamente, especialmente após a demarcação da Terra Indígena em 1944, que reduziu sua mobilidade. Entre os Krahô, destacam-se problemas como a expansão agropecuária e urbana ao redor do território e o consequente desmatamento do Cerrado (KRAHÔ, 2020).

Os Mehin enfrentam atualmente desafios relacionados à restrição de mobilidade provocada pela delimitação territorial e ao desmatamento do cerrado. Nos anos 1960 e 1970, órgãos governamentais como SPI e FUNAI introduziram sementes modificadas visando aumentar a produtividade agrícola, o que resultou em choque cultural e no abandono do cultivo tradicional local. Esse processo contribuiu para a adoção de práticas mais modernas em detrimento dos saberes tradicionais. De acordo com a seguinte afirmação, que evidencia a história do povo Krahô, e das mulheres Mehin, a autora Indígena Creuza Prumkwyj Krahô, traz esta citação:

Entre os anos de 1960 e 1970, o antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) implementaram políticas governamentais que, visando aumentar a produtividade agrícola, introduziram novas variedades entre os Krahô, como as de milho híbrido e arroz (Londres et al., 2014, p. 14). Com base nos paradigmas da revolução verde, a concepção dominante na época era a de que os indígenas deveriam substituir suas práticas produtivas tidas como “primitivas” pela incorporação de métodos mais “modernos”, como a mecanização da agricultura e a prática da monocultura. Tais políticas, entretanto, agravaram ainda mais o problema da erosão do solo e da perda de variedades tradicionalmente cultivadas, aumentando o problema da dependência em relação à alimentação proveniente das cidades (ibid.). As variedades do milho pöhypej, assim como de outros cultivos, tornaram-se praticamente extintas das roças krahô (KRAHÔ, 2020, p. 107 e 108).

A imposição de práticas produtivas não indígenas, em desacordo com a realidade dos Mehin, gerou erosão do solo e a perda de diversas variedades tradicionais de sementes, como o milho. Isso resultou na dependência alimentar do povo Krahô em relação à cidade, levando à quase extinção dessas variedades nas roças Krahô.

Na década de 1990, graças à atuação de um indigenista da FUNAI e alguns líderes Mehin, as sementes de milho coletadas nos anos 1970 no território Xavante puderam ser acessadas pelos indígenas, pois estavam armazenadas em bancos da instituição.

A iniciativa, liderada por representantes locais para recuperar variedades perdidas de milho, resultou em um projeto focado na conservação fora do local de origem. O objetivo é adaptar continuamente as plantas ao ambiente, valorizando o conhecimento local e a diversidade existente.

Além desses aspectos, plantas, animais e outros seres são igualmente considerados sujeitos de conhecimento. Mitos, cantos e rituais representam estruturas fundamentais para a produção, circulação e apropriação dos saberes ancestrais e da memória coletiva. Essas interações entre os povos desempenham papel relevante e encontram significativo respaldo nas trocas intra e intercomunitárias, elementos essenciais para a valorização e a diversidade observadas nas práticas agrícolas tradicionais.

Nesse contexto de mudanças e desafios, torna-se essencial valorizar e revitalizar os saberes tradicionais das comunidades indígenas, especialmente aqueles transmitidos oralmente e através da convivência com os anciãos. A memória coletiva, preservada nos rituais, cantos e práticas cotidianas, resiste às pressões externas e fundamenta a identidade do povo Krahô.

A reaproximação do conhecimento das sementes ancestrais, os resguardos e os modos próprios de celebrar e cuidar da vida mostram-se como atos de resistência, mas também como estratégias de afirmação cultural e autonomia diante das transformações impostas pelo contato com os não indígenas. O reconhecimento do papel das mulheres na transmissão desses conhecimentos, bem como a observância dos ciclos naturais que orientam festas, cultivos e rituais, reforça a importância de uma educação diferenciada, que dialogue e respeite os valores e saberes próprios de cada povo.

Segundo Creuza Prumkwyj Krahô:

Desde 1994 trabalho com educação junto ao meu povo. Quero construir uma escola do jeito do povo Krahô, quer dizer, com cara Timbira. Nossa educação é diferenciada, mas na prática isso nunca aconteceu. Como professora, acredito que a escola poderia se adequar e ter o aprendizado dos Cupê, que precisamos conhecer para lutarmos por nossos direitos e contra outros massacres, mas precisamos ser respeitados na nossa educação, que acontece quando se vivem os resguardos, quando se está no mato com os velhos e velhas (KRAHÔ, 2017a, p. 6).

Na narrativa intitulada “Wato ne hômpu Kâmpa. Convivo, vejo e ouço a vida Mehin (Mâkrarè)”, defendida em 2017, Creuza observa que muitos antropólogos interessados em visitar e documentar relatos dos povos Mehin geralmente optam inicialmente por interlocutores do gênero masculino. O motivo apontado é que o acesso à Língua Portuguesa costuma ser mais comum entre os homens do que entre as mulheres desse povo. Segundo a autora (KRAHÔ, 2020, p. 34),

As mulheres sabem muitas coisas, passam o dia inteiro fazendo enfeite para os caçadores, porque eles não podem andar sem enfeite. Se andarem sem enfeite, não matam nada. Aprendemos assim: sabemos fazer desenho no corpo, pintar, cortar o cabelo do jeito Krahô. Só quem corta o cabelo das pessoas é a mulher mais velha que não menstrua mais, uma mulher nova não pode cortar o cabelo de ninguém (KRAHÔ, 2017a, p. 2).

As mulheres Mehin dominam saberes como pinturas corporais, corte de cabelo Krahô e produção de paramentações essenciais para os caçadores. A pesquisa destaca o conhecimento feminino ligado ao resguardo e autocuidado, transmitido entre gerações, e sugere que a autora Creuza defende uma efetiva aplicação da educação diferenciada.

Ao analisar a convivência sob diferentes perspectivas históricas e culturais, caracterizadas por episódios de violência e resistência, é possível observar diferentes formas de

viver e interpretar o mundo. Esse processo contribui para que pessoas não indígenas compreendam aspectos da vida das Mulheres Mehin e do povo Krahô.

A musicalidade Indígena é oferecida primordialmente aos animais, portanto, o canto não é sobre os animais, pelo contrário é totalmente, utilizado como uma referência primária a plantas e animais. A relação dos Mehin com a natureza reflete respeito, diversidade e harmonia, valores fundamentais à sua organização social. O contato direto com a tora de buriti é central em rituais fúnebres, simbolizando que a alma do falecido está diretamente ligada à pessoa em situação de morte, como destaca Krahô (2017a, p. 50).

Esta mulher-cabaça, também, vivia na aldeia da mulher do Sol e aprendeu como deve ser feito o cuidado com o corpo do morto. Quando a pessoa morre, se for um homem, as mulheres, parentes de sua mulher, deverão cuidar do seu corpo. Ele será pintado, empenado e envolto em tecidos. Caso seja uma mulher, as mulheres, parentes do marido, irão cuidar do seu corpo. Após ser pintado, o morto será envolvido por uma esteira e carregado por três homens como uma tora de buriti. A sepultura será feita pelo cunhado do morto (marido da irmã), ele terá essa obrigação. O morto será depositado no local, eles irão colocar pau e palha e, depois, irão colocar a terra. (KRAHÔ, 2017a, p. 50).

A conexão das mulheres com a água, a natureza e as plantas medicinais são fundamentais para sua saúde, especialmente durante a menstruação, preservando conhecimentos ancestrais ainda relevantes. Como aponta Krahô (2017, p. 122), os saberes do cerrado sobre medicina e o uso de plantas continuam sendo transmitidos e aprendidos nas comunidades.

As corridas de tora desempenham diferentes funções no contexto dos movimentos festivos e são relacionadas a seres não-humanos. Essas atividades seguem uma sequência previamente definida de cantos específicos, considerando diversos aspectos que podem envolver riscos, razão pela qual são conduzidas apenas por mestres rituais experientes. Entre os tipos de corrida de tora estão a “tora de morto” e a “tora da Batata-doce”, entre outras. Segundo a autora (KRAHÔ, 2017a, p. 53).

Quando uma pessoa morre, toras de buriti são cortadas, o dono do buriti não gosta disso, por isso se canta a música do buriti durante a noite, anterior ao corte da tora para acamá-lo. Só podem cortar a tora, pessoas que seguem os cuidados com o resguardo e estão fortalecidos. Há muito tempo atrás, os mehin aprenderam a música do buriti, escutando nos troncos, hoje, eles cantam essa música para acalmar o dono do buriti. (KRAHÔ, 2017a, p. 53).

Há explicações relacionadas às lógicas culturais específicas dos povos indígenas, com ênfase no povo Krahô, que não se aplicam a outros grupos. Dessa forma, destaca-se a importância de compreender o papel social de homens e mulheres nas comunidades indígenas, contribuindo para um entendimento ampliado das situações além da perspectiva eurocêntrica.

A identidade cultural é fundamental para compreender a estrutura de vida Krahô, pois se expressa por meio das tradições, ensinamentos e saberes transmitidos. Através dos especialistas nos rituais que os cantos e saberes rituais continuam sendo performados tendo como objetivo a musicalidade. Para a autora (KRAHÔ, 2017, p. 93).

Os jovens que seguem algum tipo de resguardo realizam este movimento, abraçados, reunidos, porque eles têm a força nas pernas, no corpo e na memória. Fazem esta roda para demonstrarem que estão firmes no resguardo, estão fortalecidos. Aqueles que não fizeram o resguardo direito não entram nesta roda. Eles estão fortalecidos, entram nela porque seguiram firmes na realização dos resguardos. Os jovens, que não seguem os resguardos, não aguentam manter este movimento por duas horas. Buscam ter a perna forte, para pular, sem cair, sem desmaiar. Para tanto, além desse movimento, usam as plantas medicinais dos mehin. Tomam banho cedo e usam as plantas do cerrado. Cantam e fortalecem a memória, dançam e fortalecem o corpo. As mulheres-cabaça e os homens-croá estão reunidos, renovando a vida da comunidade. Neste momento, estão finalizando os resguardos, nesta festa, assim, eles cantam, dançam. É uma alegria e renovação da vida. (KRAHÔ, 2017, p. 93).

A ancestralidade indígena orienta a vida e os costumes da etnia Krahô, assegurando a preservação do modo de ser Mehin. Essas práticas são fundamentadas em tradições transmitidas ao longo das gerações, fora dos parâmetros da modernidade. Contudo, atualmente, há riscos significativos quanto à manutenção integral dessas tradições em sua forma original, o que pode comprometer a compreensão plena de sua origem.

As mulheres têm desempenhado um papel fundamental nos movimentos e articulações relevantes desde os primórdios, promovendo a valorização da cultura e dos costumes tradicionais Mehin. Por essa razão, este estudo busca compreender o universo feminino como ponto de partida para uma análise mais ampla da cultura Krahô.

CAPÍTULO 4

4 AS PRÁTICAS FEMININAS NA VISÃO DA AUTORA CREUZA PRUMKWYJ KRAHÔ SOBRE A CULTURA DO POVO MEHIN: UM OLHAR TERRITORIAL E INTERCULTURAL

4.1 Mulheres Mehin

Este capítulo aborda as práticas de resguardo entre as mulheres Mehin e sua trajetória histórica, iniciada com a cabaça, destacando como o resguardo permeia toda a experiência de vida desse povo. A origem da primeira mulher Mehin e das demais é apresentada por meio da narrativa das sementes, que integra o resguardo e os relatos transmitidos entre mulheres, além das práticas de cuidado corporal, elementos essenciais para a constituição da identidade feminina Mehin.

A primeira mulher-cabaça, companheira do Sol, detinha o conhecimento ancestral relacionado ao resguardo inicial feminino, especialmente à menstruação e ao fluxo sanguíneo. Ela transmitiu esse saber para as mulheres Mehin, estabelecendo a relação entre menstruação e gestação, uma vez que ambas compartilham a presença do sangue e requerem cuidados específicos. Após a experiência menstrual vivida pela mulher do Sol, as demais mulheres passaram a tornar-se mães.

Esses saberes femininos, transmitidos de geração em geração, tornam-se elementos centrais para a saúde, o equilíbrio e a continuidade da vida no território Mehin. O resguardo, longe de ser visto apenas como um conjunto de proibições, adquire um profundo valor simbólico e prático: é proteção, fortalecimento e também reconhecimento dos ciclos naturais. Cada etapa vivida pelas mulheres é marcada por rituais que reafirmam a ligação com a ancestralidade, com a terra e com a coletividade. Os ensinamentos das mais velhas orientam não só a conduta, mas também a resistência cultural diante do tempo e das mudanças externas, reafirmando a importância do acolhimento, do cuidado mútuo e da escuta atenta dos sinais do corpo e da natureza.

As práticas de resguardo revelam a sabedoria de um povo que compreende os ritmos da existência e valoriza o papel transformador das experiências femininas. Dessa forma, o universo das mulheres Mehin não se restringe ao cuidado de si, mas se estende à família e à comunidade, criando uma rede de proteção e sustentação para todos. De acordo com Krahô (2017a, p. 30).

Quando está menstruada, a jovem deve ficar sentada na palha, tomar banho de cuia e cabaça e se alimentar somente de milho, Macaúba e beber água. A primeira

menstruação deve ter cuidados especiais, a menina não pode tomar banho fora da casa. Nas menstruações seguintes, ela continua tomando banho de cuia, mas pode realizá-lo em outros locais. Caso esses resguardos sejam quebrados, a menina adoce. (KRAHÔ, 2017a, p. 30).

As mulheres Mehin realizam rituais marcados por banhos, restrições alimentares, abstinência sexual e cuidados corporais para promover saúde e longevidade, praticando essas tradições com intensidade e atenção distintas dos homens. Para Krahô (2017a, p. 31-32).

Na gestação, a mulher continua com seus afazeres na casa. Ela deve manter alguns cuidados na alimentação. Ela não pode comer, por exemplo, tamanduá, macaco, guariba, tatu peba, tatu-rabo de couro, anta, capivara. Ela não pode comer pássaros como, por exemplo, seriema, perdiz, mutum, juriti, lambu. Caso ela coma algum desses animais, a criança poderá nascer com algum problema. Por exemplo, caso ela coma o tamanduá, a criança nascerá com as pernas fracas para caminhar. Ao mesmo tempo, o pai da criança, também, deve realizar determinados resguardos. Por exemplo, o pai não deve matar esses animais citados acima, nem comê-los ou ver alguém os matando. Caso o pai ou a mãe comam macaco, a criança ficará com medo de altura, pois o macaco puxará o corpo invisível da criança. Se comer a guariba, a criança ficará com a cabeça abaixada, sem levantá-la. (KRAHÔ, 2017a, p. 31-32).

O parto envolve uma divisão de funções. A responsabilidade pelo parto é atribuída à mãe do pai da criança, que é quem deve nomear o recém-nascido no momento do nascimento. Nos partos naturais realizados nas aldeias, não são utilizados os cuidados das parteiras, mas sim os da mãe do pai. Essa prática não é típica da cultura Mehin em geral. Na cultura das mulheres Mehin, a ênfase recai sobre os laços familiares, sendo a família responsável por oferecer cuidados e apoio, desempenhando diferentes papéis na proteção e assistência às mulheres. Krahô (2017a, p. 32) afirma que,

O parto é feito pela mãe do pai porque ela irá dar o nome da criança, no momento do nascimento. Caso a criança seja menina, os avós paternos farão os cuidados com a mãe e a criança, caso seja menino, os avós maternos farão esses cuidados. Ao longo deste trabalho a referência aos avós depende desta indicação de ser menina ou menino. (KRAHÔ, 2017a, p. 32).

Ao nascer uma criança, recomenda-se que a mãe observe atentamente o recém-nascido, verificando seu bem-estar e eventuais características peculiares em relação aos demais. Este olhar cuidadoso, especialmente por parte de mães de primeira viagem, ressalta a relevância dos resguardos e do cuidado materno no contexto das comunidades indígenas, além de evidenciar práticas próprias que se distinguem dos procedimentos adotados em culturas não indígenas. De conformidade com Krahô (2017a, p. 33-34).

Quando o umbigo da criança cai, a mãe o leva para fora de casa e o enterra no terreiro. Quando a criança é pequena, ela pode ir ao terreiro, fora da casa, mas, antes de o sol se pôr, ela tem que entrar, caso contrário, um morcego pode passar e fazer xixi na criança que ficará barriguda. Agora, sem o umbigo, a criança pode ser pintada com uma tinta preta de uma essência natural, a avó vai ao mato pegar essa essência e, em seguida,

pinta o corpo da criança no formato de pequenas patas de onça para proteger o corpinho dele ou dela. Nesse momento da vida da criança, caso ela adoça somente o pajé saberá o que aconteceu, quem quebrou algum resguardo. (KRAHÔ, 2017a, p. 33-34).

Quando algo diferente é percebido, a criança deve ser levada ao pajé. Nos primeiros dias após o nascimento, enquanto ainda há sangramento, a mãe permanece sentada sobre palha e sementes, semelhante ao que ocorre durante a menstruação, para controlar o sangue. Nesse período, a mãe segue dois cuidados: um relacionado ao fluxo sanguíneo e outro aos cuidados com a criança. Ela continua as restrições alimentares adotadas durante a gestação, e o pai também mantém essas restrições. A avó é responsável por preparar a alimentação da mãe. Como afirma Krahô (2017a, p. 33).

A mãe, o pai, os irmãos e as irmãs devem fazer, cada um, determinado resguardo até o umbigo da criança cair. Quando a criança está com o umbigo ferido, todos da família devem seguir restrições alimentares, devem comer somente milho. O pai, os filhos e a mãe da criança ficam todos de resguardo, pois caso alguém coma alguma coisa que faça a criança chorar, o umbigo cresce e estufa para fora. Aí, terão que fazer outro resguardo para o umbigo voltar ao normal. (KRAHÔ, 2017a, p. 33).

No decorrer do desenvolvimento dessas práticas, observa-se que os homens Mehin vêm gradualmente deixando de desempenhar esse cuidado, atualmente realizado exclusivamente pelas mulheres. Destaca-se a importância da participação dos homens para o bem-estar da mãe, da família e da comunidade. Nesse sentido, Creuza Krahô explica o porquê do cuidado.

Após os primeiros cuidados, a mãe não está sangrando mais pela vagina, mas o sangue está subindo pelo seu corpo, na região das costas para se normalizar. Ela está amamentando e, ainda, não menstruou. A mãe tem que ter cuidado com alimentação e a criança só mama. O pai já pode se aproximar da criança, mas deve, ainda, manter o resguardo da relação sexual com a mãe. Assim, ele será um bom pescador e caçador. A mãe continuará com muita saúde, sua pele e cabelos ficarão bonitos (PRUMKWYJ KRAHÔ, 2017a, p. 34).

Dentro dos resguardos e partos, existem regras específicas a serem seguidas para garantir a eficácia dos cuidados ao longo do desenvolvimento da criança. Pais, mães, irmãos e irmãs devem observar certas restrições alimentares e de atividades, visando à saúde da criança e sua inserção nos conhecimentos tradicionais Mehin, conforme descrito pela autora (KRAHÔ, 2017a, p.34).

Neste momento, após o fim da amamentação, o pai e a mãe já podem comer alguns alimentos, o resguardo continua, mas já não é tão firme. Há uma alimentação específica de macaúba, milho, batata doce, buriti, inhame e oiti. Por sua vez, a criança para de mamar e já está pronta para comer comida de sal e frutas do cerrado, carne de animais, pássaros, ela inicia a sua vida para crescer rápido e saudável. O pai já começa a ensinar as coisas para o filho homem, por exemplo, sobre alimentação, a criança não pode comer algumas frutas e carne. Neste momento, inicia-se a formação da criança em corredor de tora e caçador. A criança que sonha muito é um sinal que será um pajé, o

pai o ensinará a ter muito respeito e cuidado por ele mesmo e não ter medo dos sonhos. O pai deixará a criança aos cuidados de um pajé na sua vida. (KRAHÔ, 2017a, p. 34).

Segundo Creuza (KRAHÔ, 2017a), os ensinamentos familiares enfatizam que pais devem cuidar detalhadamente do corpo dos filhos ao nascer para evitar doenças. E afirma:

Isso tudo é importante para crescer um adulto sadio e pronto para se casar e ter os cuidados com os filhos. Assim, aquilo que a pessoa irá praticar e viver, no futuro, como adulto, deve ser ensinado quando ainda é uma criança. Desse modo, neste momento da vida da criança, ela já inicia sua vida de adulto, o que acontece com ela é uma vivência, memorizada no corpo. Ele saberá fazer seu resguardo e poderá ter o seu primeiro filho sadio. O cuidado que recebe quando criança já é o ensinamento para a vida adulta. Ele já saberá cuidar do corpo do seu filho, quando ele casar, irá saber que ele tem que ter muito cuidado para não adoecer e nem o filho dele. Esses ensinamentos repassados quando criança deve ser sempre praticados para não esquecer a tradição, de como seu pai ensinou ao seu avô que ensinou para seu filho passando para seu neto. Assim, as pessoas nunca irão esquecer seus costumes, de viver e ter mais firme seus resguardos. Mãe e avó têm uma participação importante, também, nos cuidados com o menino (KRAHÔ, 2017a, p. 35-36).

No início da vida, o pai não carrega a criança no colo; isso ocorre quando ela começa a andar. Ele segue restrições alimentares e sexuais pela criança e busca casca de pau para o banho, que é dado pelos avós. No caso das filhas, observa-se também a participação dos homens e a transmissão de conhecimentos tradicionalmente femininos, em continuidade ao aprendizado transmitido de mãe para filha.

Considerando que a mãe não pode ir à mata ou à roça, ela é responsável pela amamentação, enquanto o pai se encarrega dos remédios e itens essenciais para a criança. No ambiente doméstico, a mulher acompanha e cuida da criança, observando seu bem-estar. A avó cuida mãe e dos outros netos/ as, fazendo comida, dando banho na criança recém-nascida. Sobre isso Krahô informa:

O pai só pode cortar alguns tipos de madeira e não pode caçar. Se for caçar, o animal pode fazer a criança ficar doente, com febre, ficar com as pernas fracas e ficar com a cabeça zozna. Caso a criança adoça, os pais devem fazer outros tipos de resguardo para curar a criança e cuidarem de si. Se a criança for homem, o pai deve cuidar de alguns aprendizados da criança, ensinar a roda da fogueira, ser caçador e sobre a vida sexual. O pai começa a ensinar a ele para saber como cuidar do seu corpo, tomar banho cedo, comer alimento, ser livre para ter saúde. Se a criança for mulher, a mãe começa a ensinar atividades femininas, sobre a vida feminina na aldeia. A avó ensina muito, tem muita participação, ensina sobre a roda de conversa entre meninas. As meninas não revelam seus problemas só fazem isso com sua mãe ou sua avó (PRUMKWAYJ KRAHÔ, 2017a, p. 36).

Durante esse processo, recomenda-se que a mãe acompanhe os cuidados com as filhas em fase de crescimento, atentando-se à alimentação adequada para a criança. Essa orientação visa promover uma experiência tranquila na primeira menstruação, conforme destaca Creuza (KRAHÔ, 2017a, p. 37).

Meninas mais baixas têm a carne mais dura por isso a menstruação demora a vir, por sua vez, em meninas mais altas, a carne é mais mole assim a menstruação vem mais cedo com 10 ou 11 anos. As meninas desta foto já iniciaram o resguardo, estão aguardando a vinda da menarca. Assim, elas não devem comer certo tipo de caça como o tatu peba, tatu rabo de couro, txinré, pois, caso contrário, se elas comerem esses animais, virá muito sangue e elas terão dor nos quadris, nas pernas e cólica no baixo ventre. Algumas frutas também são proibidas como a bacaba, pequi, bacuri, puçá, araticum. Também, não pode comer arroz, pois o cabelo fica branco antes de ficar velho, da idade de ter cabelos brancos. Neste momento, da primeira menstruação, a menina pode comer buriti, macaúba e, quando o sangue para de fluir, a menina pode comer batata doce, abóbora, macaxeira, inhame, massa de mandioca, frutas do mato que não podem ser comidas. Se o resguardo for bem feito, a menina não sentirá nada. Ela, durante o resguardo, não pode tomar banho no rio, não pode lavar o cabelo nem molhar a cabeça e só se lavam da cintura para baixo. Só pode tomar água durante o dia, a noite é interdito. Deve ficar quieta dentro de casa. (KRAHÔ, 2017a, p. 37).

Durante o período menstrual da mãe, acredita-se que não se deve discutir com a filha para evitar possíveis consequências negativas à saúde da criança. Nessa etapa, recomenda-se que a menina esteja acompanhada por sua mãe ou avó ao sair de casa, enquanto o menino deve estar na companhia do pai ou do avô.

A continuidade da ancestralidade e a manutenção da lógica feminina Mehin de vida, que se relaciona à segunda mulher-cabaça, que residia na primeira aldeia Mehin juntamente com a mulher do sol. Ela já assimilou práticas referentes ao resguardo durante a menstruação e gestação, bem como o controle do sangue e as experiências relacionadas à sua vida sexual. Essa mulher teve a responsabilidade de aprender e transmitir conhecimentos sobre cestaria, utensílios utilizados na casa Mehin, pinturas, culinária e a corrida de tora, conforme relata (KRAHÔ, 2017a, p. 39).

O resguardo do primeiro filho é marcante, após finalizá-lo, a mulher se liberta para os outros filhos que virão. No entanto, neste período, ela precisará ter uma atenção especial com suas mãos que precisam ser muito bem cuidadas para que as coisas deem certo. Esse é um novo aprendizado para a mulher que irá aprender como lavar suas mãos, como se banhar, o que pode ou não pegar. Essa jovem mulher não poderá pegar em sangue nem para preparar alimentos, e nem para ajudar na cerimônia fúnebre com os mortos. Ela deverá usar três tipos de plantas para o cuidado com as mãos. Ela não poderá fazer comida para todos, apenas para seus filhos, nem mesmo para o marido ela deverá cozinhar. Esse resguardo das mãos é voltado para os cuidados com o primeiro filho e, também, com ela própria para se fazer cada vez mais uma mulher mehin. Nas mãos das mulheres, concentra-se a sabedoria que mantém a vida mehin, a lida nas roças, o cuidado na criação de uma pessoa, a produção do alimento que reúne e faz as pessoas serem cada vez mais mehin. Nas mãos estão contidos os saberes femininos e conhecimento sobre os modos de produção da corporalidade feminina e da criança. Dessas mãos se produz a vida na comunidade. (KRAHÔ, 2017a, p. 39).

A mulher mostra que a vida na aldeia depende da observação de diversos resguardos, conforme destaca a autora (KRAHÔ, 2017a, p. 40).

Sobre a produção do alimento, esta mulher-cabaça mostrou que por meio do alimento compartilhado os mehin vivem juntos, se reúnem. O Sol ensinou a esta mulher a cozinhar, cabe a ela vivenciar os resguardos das mãos, vinculados à produção dos

alimentos. A mulher mehin deve saber cozinhar para toda a comunidade e deve dispor os grupos de comensais. Os meninos e meninas (wythy) que vivenciam os rituais de iniciação devem comer sozinhos dentro de casa, pois não podem colocar a mão na comida compartilhada com outros. Há grupos que devem comer separados e a mulher deve indicar essa configuração. (KRAHÔ, 2017a, p. 40).

As cestarias incluem objetos utilizados no preparo, armazenamento e transporte de alimentos da e para a roça, bem como para carregar itens domésticos ou realizar trocas. Existem diferentes tipos de pinturas associadas a essas práticas.

A técnica de pintura preta, obtida da essência de uma árvore do jenipapo, é utilizada para proteção do bebê e limpeza da pele. Já a pintura vermelha, feita com urucum, é empregada na proteção da pele e aplicada pela mãe em seu corpo para proteger a criança. Também são ensinados cuidados específicos com a roça, destacando os direitos das mulheres de cultivar alimentos como batata-doce, inhame, mandioca, macaxeira e amendoim. Segundo os autores Silva, Herbetta, Silva e Pechincha, que tecem a seguinte afirmação:

Os homens fazem resguardos do corpo e da memória, da sabedoria, do conhecimento e história mehin. Sol ensinou sobre os resguardos dos homens para as mulheres-cabaças e esse conhecimento foi sendo repassado. Hoje, os homens mais velhos ensinam os novos sobre os resguardos que devem ser seguidos para o bom desempenho nas corridas de tora e ensinam quais alimentos da roça e do cerrado são permitidos para ser um bom corredor. Há remédios de folhas para fortalecer as pernas; dessa mesma árvore que utilizam as folhas, usam a casca para fazer um chá que fortalece o corpo; e usam a raiz do mesmo modo. Tais remédios são exclusivos dos homens adultos e meninos, sendo que as mulheres não os podem utilizar. Caso elas os utilizem, a árvore morre, assim como, caso elas retirem um pedaço da casca da árvore, a árvore também morrerá. Na corrida de tora, esta mulher-cabaça ensinou como os principais corredores devem se comportar, não podem dormir e nem ficar perto de uma mulher, com exceção de sua mãe. Todo este conhecimento vivido mantém a vida mehin e o homem deve realizar resguardos do corpo e da memória para manter esta vida. SILVA apud HERBETTA, apud SILVA, apud PECHINCHA (S/N, 2015).

As mulheres Mehin transmitem conhecimentos sobre a vida de uma geração para outra, geralmente de mulheres mais velhas para as mais jovens. O processo de formação feminina na aldeia ocorre de forma gradual e contínua, caracterizando-se como um processo educativo específico ao gênero, conforme descrito por Prumkwyj Krahô (2017a, p. 42).

Sol deixou com as mulheres o conhecimento sobre a vida mehin, deixou com elas a tarefa de ensinar. As mulheres mais velhas comem juntas, pois têm as mãos limpas, são mehin plenas, são responsáveis pela produção do alimento coletivo como o paparuto, pela sociabilidade. Elas não fazem mais sexo, não menstruam, não pegam em qualquer coisa. Com vinte anos, a mulher começa a usar suas mãos, a manipular objetos, alimentos, corpos, elas devem vivenciar essa sabedoria das mãos para aprender a manter a vida. O amadurecimento do pensamento das mulheres mais velhas lhes proporciona outro ritmo, outros toques. Concentram o movimento de suas mãos para o cuidado com as crianças, elas fazem o alimento dos mais novos. Com elas tudo está limpo e não contaminado, pois suas mãos estão limpas com o amadurecimento e sabedoria mehin. (KRAHÔ, 2017 a, p.42).

O preparo das comidas são um dos papéis exclusivos das mulheres, uma atividade feminina que exige cuidado e resguardo. Todo trabalho feminino gira em torno dos resguardos, e do cuidado com as mãos, com corpo e a energia que os alimentos podem receber ao longo do preparo da comida.

Segundo Krahô (2017a, p. 42), durante a preparação coletiva da macaxeira, apenas as mulheres idosas comem juntas na mesma bacia, contando histórias; jovens e homens não participam dessa refeição.

A formação do Mehin ocorre a partir dos resguardos, necessários para exercer funções como caçador, pescador ou corredor, exigindo força física nessas atividades. O cuidado feminino desempenha papel importante na organização desses resguardos. Esses momentos têm como finalidade possibilitar que os homens Mehin adquiram a força proporcionada pelos resguardos para atender suas responsabilidades familiares e comunitárias.

A corrida de tora faz parte dos cuidados que homem deve ter para se fazer mehin, deve ser vivenciada por todos os homens, desde criança até sua vida adulta. As mulheres, também, são corredoras e, ao mesmo, tempo organizam a festa da corrida de tora. A tora, para nós, é nosso próprio sangue, nossa família. Ela é feita de buriti. O buriti traz a alegria por meio da tora. Mata-se um buriti para se ter a corrida de tora, para fazer a alegria, por isso há todo um cuidado especial na coleta do buriti. A pessoa que irá coletar a tora de buriti não pode pegar uma fêmea, mas deve pegar um macho, velho, ou uma fêmea que não produz. Quando um mehin morre, os pés de buriti ficam tristes porque sabem que também alguns deles irão morrer para os mehin realizarem a corrida de tora. O movimento da vida na aldeia acompanha o do buriti e seu buritizal. O pajé pega na tora para correr e saber quem pode ou não pegar na tora de buriti, quem está preparado. O pajé vê os mortos presentes que querem derrubar a tora do buriti no momento da corrida. Existem pinturas que protegem dos mortos que podem atrapalhar na corrida de tora ficando na frente ou derrubando a tora. O pajé tem um olhar transparente, como uma coruja que roda o pescoço e enxerga tudo. Ele acompanha quem está fazendo resguardos e tem condições de pegar na tora. Para o pajé, a tora é leve, ele realiza os resguardos, mas quem não está seguindo seus resguardos, não seguem os cuidados e restrições que devem ser vividos em sua fase de vida ou para ser corredor, não conseguem carregar a tora (KRAHÔ, 2017a p. 43).

A tora de buriti desempenha um papel relevante, sendo objeto de disputas para determinar quem será o carregador, com base em critérios como preparo físico das divisões, velocidade e força dos participantes, além do desenvolvimento da força nas pernas e ombros. O processo também evidencia o papel das mulheres na aldeia, relacionadas à promoção de costumes e à saúde indígena, conforme aponta Krahô (2017a, p. 44).

A corrida de tora é feita durante uma festa, na finalização dos resguardos para ser corredor ou corredora e é um momento de manutenção da vida. A mulher-cabaça ensinou os resguardos que devem ser vividos na corrida de tora e a interação que este momento apresenta ao reunir a comunidade entre si e os convidados de outras aldeias. (KRAHÔ, 2017 a, p.44).

A pintura desempenha um papel significativo na cultura das mulheres Mehin, assim como a corrida de tora, práticas que, segundo a tradição, foram ensinadas pelo Sol a uma mulher-cabaça, responsável por transmitir esses conhecimentos e experiências. Essa apropriação teve início na primeira aldeia, onde residia a esposa do Sol. O corredor deve se pintar e adotar medidas de resguardo, sendo tais cuidados essenciais para preservar sua saúde; durante esse período, recomenda-se que mantenha contato apenas com sua esposa. Conforme relata Creuza (KRAHÔ, 2017a, p. 44).

Após ter seus quatro filhos, um homem se pinta com a pintura do gavião ou do urubu, ao longo do seu tórax e braços. Seu joelho tem a marca da onça. O homem está vivendo o resguardo do quarto filho que se relaciona com a entrada no envelhecimento. Está partindo para a velhice. Cada fase da vida de um homem está relacionada com um grafismo que ele deve manter em seu corpo cotidianamente. Esse grafismo protege seu corpo para não adoecer, quando estiver andando no mato, contra o ataque dos mortos e de criaturas da mata, também, protege o corpo de seus filhos. Ao olhar esse grafismo, criaturas da floresta saberão que o homem e sua família estão protegidos. (KRAHÔ, 2017 a, p.44).

O processo de pintura utiliza elementos naturais, sendo realizado diretamente na árvore do buriti. O miolo da árvore fornece tinta que, combinada ao carvão, resulta na tintura empregada. O grafismo é determinado pelo momento de vida da pessoa e pelo grupo ao qual pertence. A fase de vida influencia a pintura do praticante, funcionando como um registro histórico e uma forma de identificação entre parentes, conforme descreve (KRAHÔ, 2017a, p. 44).

É feita uma pintura, também, dentro do miolo da tora. É feita com carvão, após a tora ser coletada. O corpo do homem que vai correr com a tora, também, deverá ser pintado, mas o grafismo a ser usada dependerá da fase da vida que ele se encontra e da metade a que ele pertence. Para se manter forte, caçar, pescar e ter a vista boa, o mehin deve se resguardar, isto é, deve se pintar, não deve namorar com outras mulheres que não a sua e sua mulher não poderá traí-lo, pois ele se sentirá mal. (KRAHÔ, 2017 a, p.44).

De acordo com Krahô (2017a, p. 115), as mulheres transmitiram aos homens os conhecimentos aprendidos com o Sol sobre os resguardos, essenciais para a manutenção da vida Mehin. Inicialmente, elas adquiriram habilidades para controlar o fluxo sanguíneo durante a menstruação e a gestação, compreendendo também a importância do cuidado com esse sangue, especialmente no processo de recuperação corporal após o parto do primeiro filho. Esse aprendizado possibilitou que as mulheres vivenciassem processos de renovação, caracterizados pela integração em uma nova fase de vida e pela adoção de diferentes práticas de resguardo.

Agora, sobre os resguardos que os homens devem viver para se aperfeiçoarem como mehin e se transformarem, alcançando variados modos e jeitos de ser mehin. Sol ensinou para as mulheres-cabaças e elas repassaram para os seus filhos e os homens-

croás. Envolvidos na rama que os relacionam entre si, esses homens compartilharam esse conhecimento. (KRAHÔ, 2017 a, p. 115).

Conforme Krahô (2017a, p. 115), o Sol ensinou ao primeiro pajé como realizar o primeiro resguardo.

O primeiro pajé que surgiu, aprendeu com o Sol sobre os resguardos que ele deveria seguir para se tornar um pajé. Um mehin ficou doente, deitado, entrou uma formiga no ouvido do Tyrkrýn, ele ficou muito tempo doente. Um dia todos foram embora, ele ficou sozinho, todos mudaram. A mulher dele estava construindo uma casa nessa outra aldeia. Mas, ela estava o enganando e traindo, pois ela não estava construindo a casa, mas ia namorar. O urubu veio e viu o mehin deitado e perguntou o que ele tinha. O mehin respondeu que estava doente que seu ouvido estava doente. Vieram mais urubus, dois tipos de urubus, um grande e um pequeno. Eles iam tirar ele de lá, vieram os urubus grandes, se reuniram e o colocaram em cima deles, mas eles eram fracos. Eles eram grandes, mas eram fracos. Os urubus pequenos juntaram com dois gaviões, fizeram uma fila, colocaram ele encima e conseguiram voar. Assim, eles o levaram para o céu. Os urubus grandes ficaram embaixo, fizeram outra camada para ajudar. No céu, o mehin conheceu Sol, conheceu a estrela cadente, maribondo, todos que viviam no céu. Sol falou para ele olhar para a terra. Ele olhou a aldeia. Sol perguntou se ele queria ver a mulher dele plantando na roça, ele disse que sim, mas acabou vendo sua mulher namorando. A visão do mehin havia mudado, não era mais a mesma, ele estava vendo diferente. Sol falou que iria curá-lo e que, agora, ele poderia conversar com todos os bichos. Sol disse que ele iria virar pajé, para tanto, ele teria que comer só coisa crua, carne e plantas. Sol fechou a porta e ele não viu mais nada, mas o pajé virou gavião e urubu. Assim, ele desceu, voando, gritando. Voou sobre a aldeia, viu todos, ninguém sabia que era ele. Ele estava vendo de um jeito diferente, estava com uma visão que ninguém tem, diferente. Ele não podia comer nada assado, só cru, se comesse assado, sua cabeça iria ficar pesada. Ele aprendeu seus resguardos com Sol, o que comer e como comer. Ninguém sabia que ele estava de resguardo, que ele era um pajé, ele virava formigão e picava as pessoas, ele virava cobra e mordida as pessoas, depois ele curava as pessoas. Ele estava testando se podia curar as pessoas. Ele aprendeu a usar as plantas de cerrado com Sol. Sol falava com ele qual a planta que ele deveria usar. Aí, ele foi curando as pessoas e foi aprendendo. Hoje, as pessoas que querem ser pajé só podem comer cru, elas ficam doentes, também. Ninguém sabe quando uma pessoa está fazendo resguardo para ser pajé. Quando a pessoa estiver pronta para ser pajé, ela fica doente, fica quieta, dentro de casa, não sai para fora. Ele não quer ninguém saiba que ele está virando. É difícil saber quem está fazendo resguardo para ser pajé. Os resguardos que devem ser feitos para ser um pajé foi ensinado pelo Sol e os bichos. (KRAHÔ, 2017 a, p. 115).

Os resguardos dos homens e das mulheres apresentam diversas semelhanças. Na aldeia, cabe aos homens a responsabilidade de preservar os próprios resguardos por meio do cumprimento rigoroso de certos cuidados corporais. Por outro lado, diferente das mulheres, os homens não desempenham o papel diretamente relacionado ao cuidado com a comunidade, a família, os parentes, visitantes de outras comunidades, nem estão envolvidos no aprendizado de práticas voltadas à atenção aos mortos e à manutenção da convivência familiar, conforme aponta Krahô (2017a, p. 120).

Os meninos crescerão fortes, alegres e sadios, se a mãe e o pai seguirem os resguardos. Os cuidados com o corpo da mãe e o cuidado dela com o corpo da criança é importante para a criança crescer falando, vendo bem, correndo. Os pais e avós devem observar os cuidados que as crianças devem seguir e orientá-los. (KRAHÔ, 2017 a, p. 120).

O homem tem permissão de optar, por não realizar os resguardos e mesmo nesta situação ele está autorizado a cortar lenha. Aqueles com filhos cuidam do corpo para evitar doenças nos filhos. Quem não faz resguardo por motivos de memória, práticas esportivas ou pelos filhos, também pode cortar lenha (KRAHÔ, 2017a, p. 119).

As práticas de resguardos dos Krahô refletem a importância dos saberes ancestrais na formação dos corpos e modos de viver. O grafismo corporal é mais que adorno: funciona como proteção, identidade e conexão entre indivíduo, comunidade, ambiente e ciclo de vida.

O respeito às regras, à alimentação e à pintura, inscreve no corpo uma memória viva de pertencimento, reforçando a identidade e a saúde do grupo. Assim, os rituais de resguardo se apresentam como práticas fundamentais na constituição de ser Mehin, sustentando a continuidade da cultura e o equilíbrio das relações entre humanos, animais, espíritos e forças da natureza.

Como observamos, esses saberes ancestrais e rituais de resguardo compõem um sistema de proteção e transformação que ultrapassa o indivíduo, envolvendo toda a coletividade Krahô. Cada fase, pintura e conduta respeitada reafirma vínculos com o mundo natural e espiritual, inscrevendo no corpo dos Mehin e das mulheres-cabaças a memória viva das relações entre humanos, animais, plantas e astros. Aprender e respeitar os resguardos é, portanto, um processo dinâmico de transmissão de conhecimento, que reforça a identidade de cada um e orienta o modo como se deve viver em harmonia na aldeia e com a floresta. A passagem simbólica entre as fases da vida é marcada por essas práticas, tornando o corpo um território de significados compartilhados, onde tradição e experiência se entrelaçam, orientando não apenas a saúde, mas o próprio sentido de ser Krahô.

Nesse sentido, os escritos de Creuza Prumkwyj Krahô ajudam na compreensão do papel da mulher na comunidade Krahô. Assim, pode-se perceber que os resguardos não são apenas prescrições isoladas, mas constituem um conjunto articulado de práticas que atravessam gerações e sustentam a própria existência cultural dos Krahô. Cada detalhe — do que se come, do silêncio e do recolhimento, das pinturas corporais e dos modos de agir — contribui para moldar corpos aptos a interagir com o mundo visível e invisível, protegendo e fortalecendo tanto o indivíduo quanto a coletividade. Essas práticas, portanto, dão sentido e continuidade à vida na aldeia, tornando-se uma ponte viva entre os ensinamentos ancestrais e o cotidiano de cada pessoa.

O papel da transmissão desses saberes, frequentemente realizado pelas mulheres-cabaças e pelos pajés, é fundamental para que os mais jovens compreendam a importância de cada gesto, de cada cuidado corporal, reafirmando a responsabilidade coletiva na manutenção da saúde, do

equilíbrio e da identidade do grupo. Por isso, compreender os resguardos é compreender o coração da cultura Krahô: um processo vivo, permeado por histórias, visões, rituais e transformações, que atravessa o tempo e se renova a cada nova geração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa parte da curiosidade em aprofundar a discussão sobre a mulher indígena Mehin, fundamentando-se nas obras de Creuza Prumwyjk Krahô e outros autores relevantes. A investigação buscou responder à seguinte questão: quais são os principais aspectos culturais e o papel desempenhado pela mulher na comunidade Krahô?

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as produções da autora indígena Creuza Krahô sobre as mulheres Mehin. A análise da pesquisa teve como base principal as produções da Creuza Prumkyj Krahô, que tem o foco principal a mulher Mehin. E, como objetivos específicos: Conhecer o papel da mulher dentro da cultura Krahô, esta análise foi desenvolvida ao longo da pesquisa com a prática dos resguardos, e com os relatos de preparo das comidas das festas tradicionais Krahô e das cerimônias.

A justificativa desta pesquisa baseia-se na análise da relevância da mulher indígena Mehin na cultura Krahô, promovendo discussões sobre a representatividade indígena Krahô em contextos culturais e históricos. O foco recai sobre as contribuições realizadas pelas mulheres Mehin ao longo das gerações, visando o bem-estar da comunidade e a preservação das condições de vida para as próximas gerações.

A compreensão dos Mehin pelas experiências da autora Creuza Prumkyj Krahô contribui para o entendimento de saberes transmitidos oralmente, destacando o papel das mulheres na cultura, desde atividades como o corte de cabelo até a preparação dos funerais.

Verificar como as mulheres dividem as atividades e o poder de fala das mulheres mais velhas em práticas ancestrais. Nesta etapa do processo de pesquisa realizada através de revisão bibliográfica diretamente das obras da autora Creuza Prumkyj Krahô, principalmente, foi analisada a organização do preparo das comidas e dos resguardos, bem como o papel desempenhado pelas mulheres na comunidade. Observou-se que elas contribuem para a formação e integração das mulheres mais jovens à cultura local, auxiliam os homens em diversas tarefas e participam da preparação de funções desenvolvidas na comunidade. Entretanto, em várias situações, essas contribuições não são ouvidas ou reconhecidas formalmente.

Durante esta pesquisa, identificaram-se várias possibilidades para estudos futuros: aprofundar a análise sobre autoras Krahô e suas cantorias; investigar mulheres indígenas em diferentes contextos e festas alimentares; explorar a relação com água e ervas medicinais; ampliar pesquisas sobre artesanato e hierarquia das mulheres Pajés; estudar casamentos Krahô pelo olhar feminino indígena; e analisar as produções das mulheres indígenas em geral.

A pesquisa pode ser aprimorada por meio de um aprofundamento das análises e da ampliação das contribuições sobre outros elementos da cultura e não apenas os resguardos. Embora a contribuição inicial tenha abordado alguns resguardos, recomenda-se explorar de maneira mais fundamentada tanto os já citados quanto aqueles ainda não mencionados.

Ao longo desta pesquisa, foi possível concluir que as mulheres Mehin desempenham um papel fundamental na cultura Krahô, contribuindo significativamente para a preservação da cultura, da história e especialmente dos costumes construídos durante décadas de resistência no território Mehin. Destacam-se os cuidados com o corpo, alimentação, cabelos, funeral, natureza, festas, formação de corredores de tora, cantores, pajés, chamadores, contadores de histórias, parteiras e mulheres que transmitem saberes ancestrais Krahô às novas gerações, incluindo aquelas que também podem ser pajés na cultura.

Ainda, observou-se que a mulher Mehin está inserida no contexto cultural e histórico dos Krahô, desempenhando funções relacionadas ao cuidado com o corpo, à alimentação e à preservação de práticas culturais. A análise evidencia que o papel exercido pela mulher contribui para a manutenção das dinâmicas na comunidade Krahô.

O processo de registro desta pesquisa teve por objetivo metodológico qualitativo e descritivo, tendo por natureza a pesquisa básica, utilizando do Método Dedutivo, com o objetivo de aprofundamento de pesquisa exploratório e descritivo, e tendo como base um processo de revisão bibliográfico indutivo e fenomenológico, apresentando uma narrativa relevante para a comunidade, em especial para as mulheres Mehin, ao abordar sua participação e representação em processos considerados fundamentais para a vida Mehin. O estudo também discute aspectos relacionados à evolução da resistência feminina ao longo da história Krahô, conforme evidenciado durante o desenvolvimento da pesquisa.

A maior parte dos alimentos produzidos pelo coletivo da aldeia é destinada às festas culturais dos Krahô, evidenciando o papel dos homens na formação de caçadores, pescadores, e na fabricação de armas utilizadas para caça. Esse processo resulta em alimentos preparados pelas mulheres, que são consumidos durante as festividades tradicionais indígenas.

O processo de produção de artesanatos evidencia o papel das mulheres nas aldeias e nos clãs, sendo a transmissão dos conhecimentos de confecção desses itens fundamental para a preservação da memória Mehin entre os Krahô. Essa tarefa é atribuída às mulheres Mehin. A relação que as mulheres mantêm também com a água, outro fator ou elemento importante, está relacionada aos cuidados corporais, especialmente entre aquelas que já tiveram filhos e as mulheres mais velhas. O banho matinal é apontado como um hábito benéfico para a saúde das mulheres.

Foi possível observar durante a leitura que fundamentou a pesquisa, que as mulheres mais velhas adoeciam com menor frequência no passado, fato atribuído à realização dos resguardos tradicionais e ao hábito de tomar banho em rios. Observa-se também que os partos eram considerados menos complicados, a saúde dos bebês era vista como mais robusta e a menstruação caracterizava-se por baixo volume de sangramento. Em contraste, a resistência à prática dos resguardos é apontada como um fator associado a impactos negativos para a saúde feminina, conforme relatado e registrado pela autora Creuza Krahô.

É de suma importância todo esse movimento e articulação de reflexões, autocrítica e debates sobre esses aspectos históricos, culturais e das mulheres Mehin, com foco central de pesquisa neste trabalho de conclusão de curso, e que tem como título de pesquisa a seguinte temática:” UM ESTUDO SOBRE A OBRA DA AUTORA CREUZA PRUMKWYJ KRAHÔ: ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DOS KRAHÔ E AS MULHERES MEHIN”.

REFERÊNCIAS

FREITAS. E. B. de. Ser ou não ser mehin: A Etno- História Krahô Proj. **História**, São Paulo, n. 23, nov 2001.

BORGES. J. C.; Niemeyer. F.; **Cantos, curas e alimentos**: reflexões sobre regimes de conhecimento Krahô. Universidade de Brasília, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

SILVA, L.; Herbetta, A.; **Documentação de saberes indígenas**. Goiânia: Gráfica, 2015. 340 p.

MACHADO, Marcia. NETO, O. R. M; **Educação escolar, ciência humanas culturas e histórias dos povos indígenas**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. 160 p.

KRAHÔ, Creuza. **Prumkwyj. Wato ne hômpu ne kâmpa** Convivo, vejo e ouço a vida Mehi (Mâkrarè). Brasília, DF, maio de 2017a.

ARAÚJO M. V. de.; ABREU B.; ALBUQUERQUE. F. E. **Aspectos Históricos do Povo Indígena Krahô**: Um Breve Relato Sobre o Contato com a Sociedade Brasileira . UFT, 2018. Espaço Amerídio.

TEIXEIRA. Francileide. M.; **A Relação das Mulheres Krahô com a Água a Partir das Aldeias Macaúba, Paraíso e Morro do Boi**. Porto Nacional (TO), 2019.

LIMA. A.; G.; M. de., Krahô C. P., Aldé V.; **As festas do milho krahô**: cantando sementes e semeando cantos The maize festivals among krahô people: singing seeds and sowing chants . p. 106-126, 2020.

SALES. Nívia. Alves. **O Ensino de História e as Representações sobre os Povos Indígenas Krahô**. Araguaína, TO 2022.

Aldé V.; Krahô.C. P., Krahô G. H.; Herbetta. A. **Juh Kra Kâm Cohto, Párkõ Kâm Xa** Maracá na Mão, Cerrado de Pé Cantoria, aprendizagem e resistência no território Mehĩ (Krahô). 2024b. Capítulo 21.